

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CARLA DE MELO GUERREIRO

**NARRATIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PRAÇA 14 DE JANEIRO:
UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

MANAUS

2020

CARLA DE MELO GUERREIRO

**NARRATIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PRAÇA 14 DE JANEIRO:
UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Área de Concentração – Teoria e Análise Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Professora Doutora Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso.

MANAUS

2020

Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pela autora

Guerreiro, Carla de Melo

G934n Narrativas da Comunidade Quilombola da Praça 14 de Janeiro: um estudo sociolinguístico / Carla de Melo Guerreiro, 2020.

85 f. il.: 31 cm.

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas.

1. Comunidade Quilombola. 2. Narrativas. 3. Quilombo. I. Cruz-Cardoso Maria Luiza de Carvalho. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

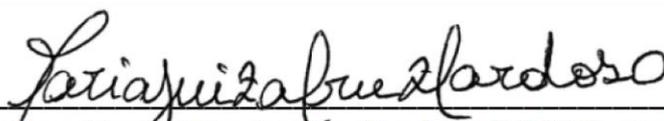
CARLA DE MELO GUERREIRO

“NARRATIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PRAÇA 14 DE JANEIRO:
UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO”

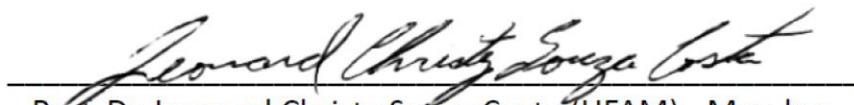
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 21 de outubro de 2020.

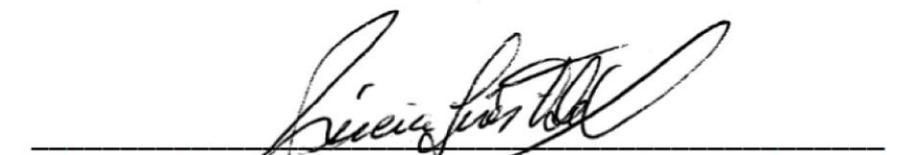
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Maria Luiza C. Cruz Cardoso (UFAM) - Presidente



Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa (UFAM) - Membro



Profa. Dra. Lúcia Inês Freire de Oliveira (UNINORTE) - Membro

DEDICATÓRIA

Para minha família, minha grande
inspiração.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade que tive de aprender e aperfeiçoar-me.

À minha família, meu esposo Reinaldo, meus filhos Isabel e Filipe sempre tão presentes em minha vida, auxílio importante nesta caminhada em todos os momentos, suportando minha ausência.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pela oportunidade e, especialmente, aos professores do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), que muito colaboraram com minha formação.

Ao professor Dr. Leonard Christy Souza Costa, diretor do Programa de Pós-graduação em Letras, por sua disposição em colaborar para que todo o percurso durante esses dois anos fosse possível e harmonioso.

Aos colegas do Colégio Lato Sensu de Manaus, que me apoiaram, em todos os momentos quando houve necessidade, pela amizade e suporte em todo tempo.

À Prof.^a Dr.^a Lúcia Inês Freire de Oliveira, minha orientadora, pela paciência em me orientar, pela experiência reflexiva e prática acumulada ao longo de décadas de ensino e prática, e por todo conhecimento científico colocado a serviço do desenvolvimento das comunidades quilombolas. Por sua dedicação e preocupação em orientar da melhor forma a pesquisa; por sua amizade, generosidade, paciência e pelas experiências sempre compartilhadas.

À Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Cruz Cardoso, minha também orientadora, muitíssimo obrigada por ter me recebido ao final da pesquisa e me abraçar com todo apoio, respeito e carinho.

À minha querida amiga Elizandra, pelas muitas vezes que me aconselhou e ajudou durante todo o mestrado, desde quando éramos alunas especiais e, principalmente, por seu afeto e presença.

A conclusão desta dissertação não teria sido possível sem a colaboração dos quilombolas da comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus, que dividiram comigo as suas memórias e narrativas, aos quais eu sou imensamente grata e admiradora de suas histórias.

À querida Jamily de Souza da Silva, líder da comunidade quilombola do Barranco, pelo apoio e por suas palavras de incentivo. E aos participantes da pesquisa, minha enorme gratidão, por me permitir adentrar em suas casas, dividir comigo seus espaços e histórias de vida, como bem explica Labov (2009), “transformando suas próprias experiências em linguagem para o meu benefício”.

De fato, somente uma pequena porção do que aprendi com eles, está registrado neste trabalho. Gratidão pela disposição em colaborar e o esforço para que suas narrativas de vida sejam fonte de pesquisa para todos nós.

EPÍGRAFE

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.

William Labov

GUERREIRO, C. M. Narrativas da Comunidade Quilombola da Praça 14 de Janeiro: um estudo sociolinguístico. 2020. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

RESUMO

Os estudos sobre a cultura afro-brasileira foram estabelecidos pela Lei 10.639/2003 que incluiu o tema no currículo oficial das escolas brasileiras, por isso, todo e qualquer estudo referente ao assunto é de suma importância para a educação brasileira, visto que o negro é um dos elementos constituidores e uma mão de obra relevante para o desenvolvimento desta nação. Na Amazônia, a presença do negro é menos significativa, se comparada às outras regiões brasileiras. Diante disso, este trabalho teve como objetivo analisar as narrativas dos residentes em um quilombo remanescente, situado na Praça 14 de Janeiro, em Manaus – Amazonas, denominado Comunidade do Barranco de São Benedito, tendo como participantes 06 descendentes de uma ex-escrava vinda do Maranhão. E ainda, analisar as narrativas de experiência pessoal dos remanescentes da ex-escrava vinda do Maranhão e se haveria, na fala desses descendentes e ou remanescentes, traços linguísticos dos antecessores. A pesquisa teve como objetivo específico o de investigar o caminho que os negros fizeram para chegar à cidade de Manaus. A metodologia adotada foi a de entrevistas, com coletas de narrativas, gravadas em áudio, além de um questionário de perfil, obtendo os dados necessários à pesquisa. Assim como, os documentos históricos acerca, dos residentes, os quais são certificados como quilombolas remanescentes da ex-escrava vinda do Maranhão. Portanto, é a história de descendentes e ou remanescentes: netos, bisnetos e tataranetos. O aporte teórico teve como base os autores: Reis e Silva (1989), Ituassú (1991), Reis (2003), Arruti (2006), Santos (2009), Funes (2009), Sampaio (2011), Melo (2012), Santos e Souza (2013) e Cavalcante (2015) que discutem o caminho dos negros ao Amazonas e como também as narrativas orais como elementos de continuação da memória das comunidades de fala com base em Vansina (1965), Labov, Waletzky (1967), Labov (1972, 2009), Halbwachs (1990), Bruner (1991), Moita Lopes (2001), Hall (2006), Barthes et.al (2008), Ferreira Netto (2008), Oliveira (2015). Os resultados indicaram que princípios norteiam a ausência de traços linguísticos dos antecessores, na fala dos descendentes da comunidade quilombola estudada. Evidenciou-se, também, que eles seguem a direção dos mais escolarizados de áreas urbanas. Ou seja, valorizando a norma urbana culta da língua padrão, não adquirida de seus ancestrais. Ao final do trabalho, sugerimos possíveis análises provenientes desta pesquisa e sugestões de trabalhos futuros sobre o tema.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola. Narrativas. Quilombo.

GUERREIRO, C. M. **Narratives the Quilombola Community of Square 14 of January: a study sociolinguistic.** 2020. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

ABSTRACT

Studies about Afro-Brazilian culture were established by law 10.639/2003 that is included in the official curriculum of the Brazilian schools, for that reason all studies about it are very important to Brazilian education, considering that black people are one of the base of this nation and also a significant labour force to the development. In the Amazonas the presence of black people is considered unimpressive if it is compared with other regions of the country. The aim of this paper was to analyse the speeches of urban land Quilombo, descendents of slaves who lived in the Barranco Community of St. Benedict, in Manaus - Amazonas. The specific goals were investigate the way of black people in the North and to know about the linguistics straight lines from their antecessors. The methodology adopted was the Sociolinguistic interviews which collecting narratives from personal narratives' community. The narratives were being done with foms and questionnaires as a guide to provoke personal speches. The residents of this community are certified as remainders Quilombo from a slave who came from Maranhão, in Brazil. When it refers to Barranco Community it presents the remainders and descendents historylife: grandsons and great-grandson looking for living in freedom. The theoretical framework is based on Reis e Silva (1989), Ituassú (1991), Reis (2003), Arruti (2006), Santos (2009), Funes (2009), Sampaio (2011), Melo (2012), Santos e Souza (2013) e Cavalcante (2015) who discuss the way of black people in the Amazon as well the oral narratives as continued elements from speech communities' memories based in: Vansina (1965), Labov, Waletzky (1967), Labov (1972, 2009), Halbwachs (1990), Bruner (1991), Moita Lopes (2001), Hall (2006), Barthes et.al (2008), Ferreira Netto (2008), Oliveira (2015). This aim was to comprehend and interpret behaviors, opinions and all the expectations of a population, analyzing oral narratives as elements of a continuation from the memory's community strategy of developing for what reason strategy of development of human's thought and also its formation's identity. The results indicated that were principles whose guide the absence of linguistics straight lines from their antecessors in the descendents' speeches of urban land Quilombo. It was also highlighted that the descendentes move toward people who are scholars from urban areas, enriching the cultured norm in the way of their speech, whose speech they hadn't gotten from their antecessors. At the end of the work, we suggest new possibilities from this research and suggestions of future studies on the subject.

Keywords: Quilombola Community. Narratives. Quilombo.

SUMÁRIO

	CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	10
	CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1	SOCIOLINGUÍSTICA.....	16
2.2	NARRATIVAS.....	19
2.3	QUILOMBOLAS NO AMAZONAS.....	23
2.4	O PORTUGUÊS DO BRASIL E AS LÍNGUAS CRIOULAS.....	31
	CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	35
3.1	ESCOLHA DA METODOLOGIA.....	35
3.2	CONTEXTOS DA PESQUISA.....	36
3.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	37
3.4	INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS.....	39
3.4.1	A primeira fase: a pesquisa documental.....	39
3.4.2	A segunda fase: questionário de perfil.....	40
3.4.3	As narrativas de experiência pessoal.....	40
3.5	PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DOS DADOS.....	43
	CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E	
	INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	44
4.1	ANÁLISE DOS DADOS.....	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
	REFERÊNCIAS.....	59
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PERFIL.....	64
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
	ESCLARECIDO	65
	APÊNDICE C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	67
	APÊNDICE D – QUADRO DE TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS	73
	APÊNDICE E – NARRATIVAS.....	74

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve início no ano de 2016, quando ainda era formanda do Curso de Letras Língua Inglesa do Centro Universitário do Norte – UNINORTE, fui convidada por minha orientadora, profa. Dra. Lucia Inês Freire de Oliveira, na época, coordenadora do referido curso, para ser bolsista em um projeto de iniciação científica, pois, eu preenchia todos os pré-requisitos para ser incluída no programa.

Atualmente, sou professora de língua Inglesa da Rede Particular e Pública estadual de Ensino na cidade de Manaus-AM e, embora a criação da Lei Nº 10639/03, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira” nas escolas de ensino fundamental e médio, das redes públicas e particulares do país, vi a necessidade de dar visibilidade à luta dos negros face aos espaços da sociedade, como também reconhecer a importância do povo negro na formação da identidade nacional, o que leva a crer se tratar de extrema relevância as contribuições desse povo nas áreas social, econômica e política na história do país.

Tais questões imprimiram em mim decisões quanto à busca de conhecimentos, que resultasse em um modelo de pesquisa pautada na visibilidade e no respeito às diferenças de grupos sociais distintos, sua história, seu povo, dentre os quais, as comunidades quilombolas estão inseridas.

Desta maneira, fiz reflexões como discente no Programa de Pós-Graduação Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em fevereiro de 2018, iniciei o trabalho de pesquisa, que outrora já era um trabalho de campo na comunidade do Barranco de São Benedito, iniciado em 2016 no Programa de Iniciação Científica, na Universidade do Norte (UNINORTE LAUREATE), com o projeto de dissertação na área de sociolinguística, cujo tema é: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: NARRATIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PRAÇA 14 DE JANEIRO EM MANAUS.

A pesquisa é um esforço para investigar, no campo da sociolinguística, as narrativas de experiência pessoal dos remanescentes de uma ex-escrava vinda do Maranhão, residentes da comunidade localizada na região central da cidade de Manaus, no bairro Praça 14 de Janeiro, conhecida como Comunidade do Barranco de São Benedito.

Ao longo do trabalho de campo, as narrativas me permitiram evidenciar às histórias do cotidiano quilombola: suas festas e costumes, suas tradições e inquietações, observando assim, se havia na fala dos descendentes, traços linguísticos dos antecessores. E, para a construção dos dados quanto ao levantamento das informações sobre a comunidade, foi necessário percorrer o caminho que os negros fizeram para chegar à cidade de Manaus.

Ainda quanto a trabalhos realizados sobre a comunidade, foco desta pesquisa, há o artigo publicado por Jamily Souza da Silva, residente e descendente de dona Maria Severa, trabalho que é fruto das suas reflexões acadêmicas e experiências vividas na própria comunidade. O trabalho se encontra no livro intitulado “Fim do Silêncio: Presença Negra na Amazônia” (2011). Entre outras produções de pesquisa, há também o filme “14 de Janeiro – Terra, Samba e Santo”, dirigido por Cristiane Garcia, que faz referência à formação histórica do quilombo a partir da chegada de sua fundadora, assim como mostra a força de trabalho utilizada pelos operários e lavadeiras de roupas, e, ainda, as práticas das festas religiosas e atividades artísticas dos sambistas da comunidade, suas narrativas e história.

Além desses, foram fontes de pesquisa para encontrar caminhos às minhas indagações, os seguintes trabalhos: Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM): “Um perfil lexical do Português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico” dissertação de Quézia Maria Reis de Oliveira Barbosa (2013) e a tese Construção Identitária da Comunidade do Barranco: Festa de São Benedito, de Lúcia Maria Barbosa Lira. Na Universidade do Estado do Amazonas (UEA): “Direito às terras ocupadas por Quilombolas em Manaus”, de Aldrin Bentes Pontes (2016), “Diálogos em residência: o tecido circense e o Quilombo urbano Barranco de São Benedito” (2017), de Leonardo Scantbelruy, a dissertação “Quilombolas de São Benedito e a Constituição Federal de 1988. Da proteção à identidade cultural ao direito fundamental das terras de quilombo” (2018), de Ilderley Rêgo Barbosa, a dissertação de Vinícius Alves da Rosa (2018) “A comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus: processos para o reconhecimento do território quilombola”.

Quanto à importância deste trabalho, o qual foi um dos mais importantes na minha vida, se deve a busca por respostas através das narrativas de uma comunidade quilombola no centro de minha cidade e, por meio dos resultados, e vivências ouvidas, histórias que provavelmente contribuirão para a discussão de um

novo olhar em relação às comunidades quilombolas. Como também, a importância acadêmica, pois por meio da pesquisa realizada, senti-me impulsionada a continuar a aperfeiçoar os estudos na área da Sociolinguística, buscando novas perspectivas, para a pesquisa no contexto das comunidades de fala.

Por último, toda pesquisa desenvolvida serve de subsídios para novos estudos, aperfeiçoando e ressaltando o olhar que se deve ter para com os antepassados e para com a história.

A presente pesquisa, situada na Sociolinguística, investiga as variações entre os falantes da comunidade quilombola da Praça 14 de Janeiro em Manaus, Amazonas, analisando se diferem de outros grupos. A comunidade do Barranco de São Benedito, conhecida no bairro, é composta por descendentes de negros maranhenses que chegaram ao local no final do século XIX e, por mais de 100 anos, constroem sua identidade, por meio dos conhecimentos da memória de seus descendentes e os que adquiriram na terra que fixaram residência.

Quando conheci o Quilombo da Praça 14 de Janeiro, levantei esta pesquisa, uma vez que fiquei inquieta para saber se havia traços de linguagem dos moradores falantes de seus antepassados¹ na fala dos remanescentes, isto é, entender quais as características presentes na comunidade que poderiam afirmar ou negar os traços na linguagem dos descendentes da ex-escrava vinda do Maranhão..

Estudos sobre a cultura afro-brasileira foram estabelecidos pela Lei 10.639/2003, que incluiu o tema no currículo oficial das escolas brasileiras. Diante disso, todo e qualquer estudo referente ao assunto é de suma importância à educação, visto que o negro é um dos elementos constituidores da raça brasileira, que procura espaços para viverem em liberdade.

A Fundação Cultural Palmares (FCP) define quilombo como sendo o lugar onde escravos negros se abrigavam após fugir das senzalas, refugiando-se nas matas para se esconderem dos senhores. As comunidades quilombolas existentes, atualmente, também chamadas de remanescentes e/ou quilombo urbano, são comunidades localizadas dentro das grandes cidades, onde vivem os descendentes de escravos. Os remanescentes de quilombo são definidos como grupos étnico-raciais que tem uma trajetória histórica, dotado de relações territoriais específicas,

¹ Primeiros habitantes, formadores do Quilombo (1890).

com marcas da cultura africana relacionada com a resistência e à opressão sofrida ao longo do tempo, e sua caracterização é dada segundo critérios os quais são atribuídos e atestados pelas próprias comunidades.

No Amazonas, a literatura registra que a presença do negro não aconteceu como nas outras regiões do país, por ser um local de difícil acesso. Hoje, há inúmeras comunidades negras, que recorreram não só no interior, mas também na capital do Estado, buscando a identidade para superar as adversidades e adaptação a uma nova sociedade.

Dentre as localidades da capital do estado, há o bairro da Praça 14 de Janeiro, localizado na zona Centro-Sul, que no ano de 1890, descendentes de escravos se estabeleceram. A constituição dessa comunidade ficou conhecida como reduto de negros, hoje, retrata a história do negro na região, onde residem famílias descendentes de escravos, vindos do município de Alcântara, no Maranhão, que aqui se instalaram.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar as narrativas de experiência pessoal dos residentes da Comunidade Quilombola do Barranco² situado na Praça 14 de Janeiro, em Manaus – Amazonas, a fim de procurar entender a realidade linguística deles. As narrativas são construídas em meio a um cenário no qual há trocas nas relações de diferentes instituições e estruturas sociais, onde valores e visões de mundo próprias são alicerçados.

Como em Barthes *et.al* (2008), ao afirmar que a narrativa começa com a própria história da humanidade e que não “[...] há em parte algum povo sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas” (BARTHES *et.al*, 2008, p. 19). Como completam os autores, que frequentemente estas narrativas “[...] são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas”. (BARTHES *et.al*, 2008, p. 19).

Ressalto que, o contato dos remanescentes quilombolas da comunidade de São Benedito com instituições de pesquisas tem ampliado estudos sobre esse povo, conhecendo a identidade étnica e cultural, que os autoafirmam, como também a legitimidade da terra, mecanismo de incentivo para os moradores das comunidades em estudo.

² Também denominado Comunidade do Barranco de São Benedito.

Para a realização desta pesquisa, fiz a coleta de dados com a técnica do contato direto com os participantes da comunidade, da observação direta, de conversas, de observações de eventos, de gravações de áudio. Isso me ajudou a conhecer o percurso da tradição da comunidade e, ainda, a refletir sobre as transformações sociais envolvidas na memória destes.

A pesquisa foi baseada na abordagem qualitativa, pois está relacionada ao levantamento de dados para compreender e interpretar comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos da população em questão. O método utilizado foi o indutivo, uma vez que induz a um processo mental por intermédio do qual se parte de dados particulares para constatar uma verdade geral.

Esta dissertação foi dividida em 5 partes denominadas de capítulos. O primeiro capítulo intitulado de INTRODUÇÃO, corresponde a apresentação do tema e delimitação da pesquisa, a questão central, as questões norteadoras, o objetivo geral e os específicos, a justificativa, metodologia, o aporte científico e breve explanação sobre o resultado da pesquisa.

No segundo capítulo - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, apresento o aporte científico ou a contribuição teórica para a elaboração da pesquisa. Neste capítulo, fundamentei a pesquisa, em três subcapítulos: no primeiro, apresento a base da pesquisa que esta alicerçada no campo da Sociolinguística. No segundo, apresento a importância das narrativas de experiência pessoal e no terceiro, exponho, sobre o fim da escravidão em meu país e a história dos quilombolas, descendentes da escravatura, especificamente, em Manaus.

No terceiro capítulo - METODOLOGIA, apresento a abordagem da pesquisa, os métodos de abordagem e procedimento, e o tipo de pesquisa que orientou a coleta de dados.

No quarto capítulo - PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS, encontra-se a análise propriamente da pesquisa direcionada pelo objetivo geral e as minhas inquietações sobre o assunto quilombolas.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, apresento uma síntese dos elementos constantes no texto. Nesse capítulo, reporto-me a questão central e se o propósito da pesquisa foi alcançado.

Os resultados da pesquisa, indicaram que princípios norteiam a ausência de traços linguísticos dos antecessores, na fala dos descendentes da comunidade quilombola estudada. Evidenciei, também, que eles seguem a direção dos mais

escolarizados de áreas urbanas. Ou seja, valorizando a norma urbana culta da língua padrão, não adquirida de seus ancestrais. Ao final do trabalho, sugiro possíveis análises provenientes desta pesquisa e sugestões de trabalhos futuros sobre o tema.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, fundamento a pesquisa, em três subcapítulos: no primeiro apresento a base da minha pesquisa que esta alicerçada no campo da Sociolinguística, fundamentada em: Pagotto (2006; 2008), Moura (2007), Labov (2009). No segundo, apresento a importância das narrativas de experiência pessoal, tendo como base: Vansina (1965), Labov, Waletzky (1967), Labov (1972, 2009), Bruner (1991), Moita Lopes (2001), Halbwachs (2006), Barthes *et.al* (2008), Ferreira Netto (2008), Hall (2014), Oliveira (2015) e no terceiro, exponho, sobre o fim da escravidão em meu país e a história dos quilombolas, descendentes da escravatura, especificamente, em Manaus. Como referencial deste trabalho, apresento: Reis e Silva (1989), Ituassú (1991), Reis (2003), Arruti (2006), Santos (2009), Funes (2009), Sampaio (2011), Melo (2012), Santos e Souza (2013) e Cavalcante (2015).

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA

Segundo Pagotto (2006, p. 50), para que a Sociolinguística seja considerada abordagem precisa presumir “autonomia do sistema linguístico para depois propor inter-relação com o mundo social” – “[...] o sistema linguístico tem funcionamento próprio, independente do mundo social, embora submetido a ele”. (PAGOTTO, 2006, p. 51).

A publicação original do livro Padrões Sociolinguísticos de Labov (2009, p. 9) representou o “[...] nascimento oficial de uma área dos estudos da linguagem que, desde então, não tem parado de se desenvolver em todo o mundo: a sociolinguística variacionista”.

Ainda segundo Pagotto (2006) a sociolinguística variacionista traz a marca dos conflitos políticos, sociais e ideológicos. Um instrumental teórico foi criado por Labov (1997), capaz de acabar com o mito da "deficiência verbal" das classes sociais subjugadas, como nos Estados Unidos, os negros, estabelecendo uma lógica gramatical inegável dos dialetos considerados "não padrão", isto é, das formas de falar das comunidades excluídas do poder e controle social.

Labov foi um precursor na abordagem de investigar a relação entre língua e sociedade, desenvolvendo um campo de pesquisas conhecido por sociolinguística

variacionista. Labov (1997), afirma que a forma como uma língua é falada e escrita se diferencia entre pessoas como também nas situações vivenciadas pelas mesmas pessoas. Labov, (1997) também defende que estas diferenças não são apenas normais como também necessárias para o funcionamento de uma língua. Esta compreensão que desafia o pensamento tradicionalmente dominante e a prática na teoria da linguística, desde Ferdinand de Saussure a Noam Chomsky.

A Sociolinguística Variacionista³ estuda a língua em seu uso em uma determinada comunidade linguística. Essa língua não é falada da mesma forma por todos os membros da comunidade, ela é heterogênea. Cada comunidade de fala possui características linguísticas que a difere das outras. “[...] Todos nós falamos uma variação dessas línguas”. (MOURA, 2007, p. 14). Desse modo, as possibilidades de fala à disposição do falante são inúmeras. O principal objetivo da Sociolinguística é “compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade”. (MOURA, 2007, p. 11).

Os estudos labovianos a respeito da língua em seu contexto social, advertem que a sociolinguística não pode ser considerada algo separado da linguística. O que pode inferir, é que não se entende o desenvolvimento de uma mudança linguística sem considerar a vida social da comunidade em que ela aparece. Conforme Labov (2009, p. 20), “[...] a língua não pode estar separada do social, e que exerce uma função comunicativa em grupos sociais e culturais”.

Dessa forma, em uma comunidade de fala, os indivíduos devem compartilhar de valores linguísticos equivalentes para que haja comunicação. Sendo assim, considero comunidade de fala um grupo de indivíduos que partilham de escolhas linguísticas muito parecidas. A depender do ambiente social em que essa pessoa esteja inserida, o falante pode fazer parte de comunidades de fala diversificadas, adaptando as escolhas às exigências linguísticas de cada grupo.

Estes estudos apresentaram discussões de muitos aspectos do comportamento linguístico em que “[...] as estruturas linguísticas aparecem refletindo processos sociais. Na visão geral, existe um amplo espectro de benefícios que

³ “O estudo da mudança linguística a partir da variação observada sincronicamente em um estado de língua ganhou impulso na década de 60, com o surgimento do programa de pesquisa da Sociolinguística Variacionista, segundo o qual a análise da variação no seio de uma comunidade de fala poderia fornecer informações valiosas acerca de como uma determinada mudança se estaria implementando na estrutura linguística e social dessa comunidade”. (LUCHESE, BAXTER, Org., 2009, p.127)

podem ser tirados da interação entre pesquisas sociológicas e as linguísticas.” (LABOV, 2008, p. 149)

Nesse sentido, Labov (2009, p.21), evidencia que se o conceito de língua for levado de uma forma de comportamento social, fica claro que “[..] qualquer avanço teórico na análise do mecanismo da evolução linguística contribuiria diretamente para a teoria geral da evolução social”. Assim, o que pareceu de forma remota e até sem muito valor para alguns estudiosos da linguística, pode finalmente apresentar uma valiosa compreensão da função e da mudança social para as conquistas da linguística.

Os estudos sociolinguísticos têm avançado consideravelmente, principalmente, contando com vários pesquisadores nessa área. Porém, explica Silva (2017), há alguns aspectos referentes à Sociolinguística que são pouco estudados ou divulgados, por exemplo, os dialetos em contato, das atitudes linguísticas, das variações entre falares, e ainda os estudos voltados aos usos linguísticos nas comunidades afro-brasileiras, que de acordo com Souza (2015, p. 15, apud SILVA, 2017, p. 4):

O estudo linguístico das comunidades quilombolas ou comunidades afro brasileiras rurais/urbanas que ainda existem é de grande relevância não apenas no âmbito da linguística, pode representar também uma importante contribuição para o conhecimento da cultura das minorias brasileiras de origem africana, já que se dedica a um aspecto pouco considerado da cultura desse segmento que vem sendo marginalizado ao longo do nosso processo civilizatório.

Entendo que a formação da fala é um fator coletivo, contudo a língua é particular. Nesse sentido, segundo Coelho *et al* (2012, p.12), observa que o fenômeno da linguagem humana é “[...] caracterizado por sua incerteza, pois, cada comunidade de fala possui suas características específicas, suas histórias, cultura e formação”. Ainda, explica Coelho *et al* (2012, p. 15), a “[...] variação linguística é sobre essa propriedade das línguas de não falarmos todos da mesma forma – que se voltam os estudos sociolinguísticos” e que busco compreender ao longo desta pesquisa.

Para alguns autores, como Labov (2009), pode parecer claro, que a variação assim como a mudança na língua apareça nos programas de investigações da linguística. Porém, tenho visto, que os questionamentos de maior projeção no último

século não consideravam necessário nem possível o estudo da variação e da mudança para a compreensão de como as línguas funcionam.

2.2 NARRATIVAS

Este trabalho tem como base as narrativas dos quilombolas residentes em Manaus - visto que a importância destas, e através delas, que eu poderia fazer uma análise da linguagem utilizada pelos descendentes da ex-escrava que chegou em Manaus, e trouxe com elas, costumes e tradições da época da escravidão.

A linguística moderna nasceu da vontade de Ferdinand Saussure em produzir um modelo abstrato “[...] a língua, a partir dos atos de fala [...]”. (CALVET, 2002, p.11). Foi Saussure o primeiro a definir a Língua como objeto da Linguística e a considerá-la um fato social. Labov (2009), por sua vez, foi quem instituiu o que é conhecido por Sociolinguística Variacionista, o que na prática, encontro na própria afirmação de Labov (2009, p. 302) de que se “a língua é um fato social, a linguística então só pode ser uma ciência social, isto significa dizer que a sociolinguística é a linguística”.

Complementando, em Labov (2009, p. 21), é necessário entender o desenvolvimento de uma mudança linguística levando em consideração a vida social da comunidade onde esta mudança ocorre. Ou seja, as “pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Labov (2009), afirma que a língua não pode estar desvinculada do social, e que exerce uma função de comunicação em grupos sociais e culturais, “[...] pois toda narrativa é sempre uma extensão do comportamento cotidiano de narrar a experiência vivida [...]”. (WHITE, 1981, *apud*. BARBOSA, 2003, p. 41)

Os estudos sobre narrativas foram introduzidos na área da Sociolinguística pelos trabalhos dos linguistas Labov, Waletzky (1967) e Labov (1972). Para eles, uma narrativa pode ser definida como sendo “[...] um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de fatos que (infere-se) ocorreram de fato”. (LABOV, 1972, p. 359).

Estudos demonstram que as primeiras investigações feitas no campo das práticas narrativas, deram início nos estudos folcloristas de Vladimir Propp (OLIVEIRA, 2015). Outros autores centraram suas pesquisas no estudo sobre

narrativas orais de experiência pessoal, mas a análise da narrativa natural, a não-ficcional, foi motivada pelo ensaio de Labov e Waletzky (1967) intitulado “*Narrative Analysis: Oral Versions of Personal experience*”. Tomando como base o modelo laboviano e de outros autores, como: Labov (1972, 1997), Halbwachs (1990), Hall (2006) e Ferreira Netto (2008), entendo e identifico as representações identitárias e pedaços da memória individual que reflete de forma clara a memória coletiva.

Dentre os estudos que defendem a nova visão de narrativa, destaco os trabalhos de Bruner (1991), que, diferentemente da perspectiva laboviana, os estudos de Bruner (1981), tomam por base o contexto e a cultura das histórias em si, bem como do local e situação nos quais a narração está ocorrendo. Para Bruner (1991), a narrativa é, assim, organizadora da experiência humana.

A memória expressa, traz o reordenamento do mundo e da vida em comunidade através de vivências pessoais e individuais. Contudo, é através dela que uma comunidade se constitui enquanto grupo e onde as memórias são reelaboradas, ressignificadas, construindo uma história comum. Halbwachs (1990), sociólogo seguidor do pensamento de Durkheim, parte do pressuposto de que as experiências individuais, expressadas em lembranças também individuais, dão vazão a uma memória coletiva:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Esta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. Cada memória individual é o ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Halbwachs (1990), afirma que o indivíduo traz à memória o passado sob a forte influência exercida pelas instituições sociais como a família, a religião, a comunidade e a organização política, dentre outros. O trabalho de reconstruir esta memória, dar-se-á sempre a partir de noções comuns. Ainda, conclui não ser suficiente reconstituir parte a parte a imagem de um acontecimento do passado para obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução aconteça a partir de dados ou de noções comuns que se “[...] encontram tanto em nós como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se “fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.” (HALBWACHS, 1990, p. 34).

O antropólogo Jan Vansina (1965), em seu prefácio do livro intitulado: *Oral Traditions – A study in historical methodology*, chama atenção para o valor das tradições orais como fontes históricas de natureza especial, ou seja:⁴ “[...] a natureza especial delas deriva do fato de que elas são fontes “não-escritas”, redigidas em formas adequadas para a transmissão oral, e a preservação delas depende do poder da memória sucessiva de gerações de seres humanos”. (VANSINA, 1965, p.1).⁵

Entendo a importância das tradições orais, como lugar onde as testemunhas da pesquisa estão diretamente ligadas ao passado, o qual as transmitem uma as outras suas memórias e tudo que as envolvem. Estas são características especiais que para muitos historiadores representam uma rica fonte de história validada nas memórias de um povo, ou comunidade, atestando assim, “[...] a necessidade de fazer destas fontes orais, mérito para prosseguir no caminho de testemunhas vivas de uma sociedade e suas tradições”. (VANSINA, 1965, p. 2)

Os estudos sobre narrativas mostram que o homem busca vivenciar e trazer a luz da história sua vida e memória. Para Moita Lopes (2001), por exemplo, um dos principais papéis das narrativas está diretamente relacionado ao processo de construção de identidades sociais. Como descreve Moita Lopes (2001, p. 62), que o “[...] relato de histórias mostra, na prática de narrar, as identidades pessoais dos interlocutores”. É a partir de narrativas que digo quem sou, o que desejo ou acredito, sempre me reconstruindo a cada relato.

Conforme Moita Lopes (2001, p. 63), “o papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros”. E, ainda Moita Lopes (2001, p.65), na dinâmica de se relatar o que se passou, as identidades sociais surgem. É visível a interrelação entre o ato de narrar histórias e a construção de identidades sociais, pois o “[...] narrador coloca-se em uma posição moral e ideológica em relação aos fatos narrados e, simultaneamente, engaja-se na verdade de sua auto-imagem”.

⁴ Todas as traduções apresentadas neste trabalho foram feitas pela pesquisadora.

⁵ Tradução da pesquisadora para: “Oral traditions are historical sources of a special nature. Their special nature derives from the fact that they are “unwritten” sources couched in a form suitable for oral transmission, and their preservation depends on the powers of memory of successive generations of human beings.” (VANSINA, 1965, p.1)

Labov (1972), já mencionava o “auto-engrandecimento” do narrador como ponto de algumas narrativas de experiência pessoal que investigou, o que demonstra uma preocupação, por parte do narrador, a respeito de como sua imagem e reputação serão interpretadas por aqueles que ouvem as histórias que conta.

É necessário ainda, observar a questão da identidade nos processos narrativos, pois o indivíduo busca constantemente, identificar-se com o mundo ao qual vive. De forma clara e coerente, Hall (2006) sinaliza as concepções de identidade que permeiam o sujeito desde o Iluminismo. A partir de seus estudos, Hall (2006, p. 45) distingue três concepções de identidade do ser humano:

o sujeito do Iluminismo, que é o indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão; o sujeito sociológico, presente no mundo moderno e que não é independente, uma vez que se forma pela relação que estabelece com os outros; e o sujeito pós-moderno, o qual não possui uma identidade fixa.

Contudo, Hall (2006, p. 46), se posiciona “[...] ao passo que a sociedade moderna se torna mais complexa, coletiva e social, em função das transformações em nível econômico e político”, o ser humano também modifica sua identidade, passando a ser visto mais como um ser “definido” no interior dessas novas estruturas de sociedade, por meio das relações que constrói.

A opção pela memória coletiva e individual como objeto de estudo, privilegiou o estudo de uma reconstrução do passado limitadas pelas mudanças do presente. A identidade étnica, como exemplo, a identidade quilombola comunidade do bairro da Praça 14, na cidade de Manaus, passa por uma memória da escravidão. Ainda mais, devido ao tempo histórico pelo processo de emancipação de seus antecedentes há uma comunidade que ocupa, atualmente, um território próprio, na qual a lembrança permite a eles reconstituir uma identidade a partir de uma realidade, mesmo que fragmentada. Apresentar relatos destas memórias, mantendo a fidelidade é o desafio desta pesquisa, visto que os descendentes de escravos da comunidade do Barranco de São Benedito, ao produzir suas narrações herdadas dos seus familiares, somam valores que fazem parte de suas autobiografias.

Como explica Bruner (1991), o conteúdo da narrativa é sempre um momento de passagem entre uma representação do passado em um momento presente, que lhe fornece expectativas. Essa narrativa move o futuro no passado. É sempre uma

“memória viva”, uma vez que o indivíduo vive as informações trazidas do subterrâneo da memória”. E, ainda, Bruner (1991, p. 4) explica que “[...] as narrativas são uma versão da realidade cuja aceitabilidade é governada por acordo e necessidade da narrativa ao invés de uma verificação empírica e exigência lógica”⁶.

De fato, as narrativas são uma interpretação da veracidade dos fatos, sem necessidade de confirmação: “[...] o impulso para narrar, a tendência humana para representar os acontecimentos da vida sob a forma de uma história, é algo tão universal quanto a própria cultura”. (BARBOSA, 2003, p.20). Desta forma, as narrativas são ferramentas do homem para entender a própria história, e estão sempre propondo a dar novo significado aos fatos. Grandesso (2000), acentua que elas têm uma profundidade histórica, por isso precisam ser “negociadas” dentro das comunidades em que circulam.

2.3 QUILOMBOLAS NO AMAZONAS

Segundo Reis (2003), o nome quilombo foi designado no Brasil, como todo agrupamento humano, onde negros foragidos se abrigavam, durante o período de escravidão. Mais tarde, agregaram outros fugitivos que vinham se juntar a eles, como os indígenas, os brancos ou os mulatos. Os descendentes de escravos que permaneceram nos quilombos são chamados de quilombolas. Estes se organizavam em comunidades, onde transmitiam aos descendentes a cultura e o modo de vida. Embora não tivessem sido

[...] as únicas formas de resistência coletiva sob a escravidão, a revolta e a formação de quilombos foram das mais importantes. A revolta se assemelha a ações coletivas comuns na história de outros grupos subalternos, mas o quilombo foi um movimento típico dos escravos. É difícil, porém, em muitos casos, distinguir um do outro. Apesar de muitos quilombos terem se formado aos poucos, através da adesão de fugitivos individuais ou agrupados, outros tantos resultaram de fugas coletivas iniciadas em revoltas. Tal parece ter sido, por exemplo, o caso de Palmares. (REIS, 2003, p.16).

⁶ Tradução da pesquisadora para: “[...] Narratives, then, are a version of reality whose acceptability is governed by convention and “narrative necessity” rather than by empirical verification and logical requiredness.” (BRUNER, 1991, p. 4)

Ainda sobre os quilombos, Reis (2003), destaca que esta população não era constituída apenas de escravos fugidos e seus descendentes. Para ali também convergiram outros tipos de fugitivos, como soldados desertores, os perseguidos pela justiça secular e eclesiástica, ou simples aventureiros, vendedores, além de índios pressionados pelo avanço europeu. Porém, predominavam os africanos e seus descendentes. Mas, “[...] foi naquele espaço, onde africanos dos mais diversos grupos étnicos administraram suas diferenças e criaram novos laços de solidariedade, forjaram culturas”. (REIS, 2003, p.18).

De acordo com a Fundação Cultural Palmares (FCP) “[...] até cem anos após a assinatura da Lei Áurea que libertou os escravizados no Brasil, os quilombos eram considerados locais com grandes concentrações de negros que se rebelaram contra o regime colonial. Com a Constituição Federal de 1988, o termo “quilombo” teve seu conceito acrescentado de modo que hoje é considerado “[...] toda área ocupada por comunidades remanescentes dos antigos quilombos”.

Os historiadores João José Reis e Eduardo Silva (1989) na obra intitulada “*Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil*”, relatam que as fugas dos escravos eram um rompimento real com a dominação dos senhores de escravo, o que se tornou muito popular na segunda metade do século XIX. Isso porque a soma de fugas

[...] individuais e coletivas frequentemente resultava em quilombos onde os fugitivos tentavam inventar a liberdade na “terceira margem” do regime escravocrata. Se o quilombo ainda permitia alguma convivência, embora e incômoda com o sistema, as revoltas significaram ruptura absoluta e quase sempre trágica para os escravos nelas envolvidos. (REIS; SILVA, 1989, p. 9).

Nas várias pesquisas documentais Reis e Silva (1989), comentam que o termo quilombo derivaria de kilombo, uma sociedade iniciática de jovens guerreiros mbundu adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), estes formados por gente de vários grupos étnicos desenraizada de suas comunidades. Teria sido de fato, depois de Palmares, que o termo quilombo se consagrou como definição de reduto de escravo fugido.

Entendo que Reis (2003), discorre que a luta contra os negros de Palmares durou por volta de cinco anos, contudo, apesar de todo o empenho e determinação dos negros chefiados por Zumbi, eles foram derrotados. No século XVIII, a palavra

quilombo já era definida como ajuntamento de cinco ou mais negros fugidos arranchados em local despovoado. Essa definição, nascida para melhor controlar as fugas, terminou por aumentar o fenômeno aos olhos de seus contemporâneos e de historiadores posteriormente.

[...] Contados a partir de cinco pessoas, o número de quilombos foi inflacionado nos documentos oficiais. Mas se, em geral, não figuravam como ameaça efetiva à escravidão, eles passariam a representar uma ameaça simbólica importante. Os quilombolas povoaram pesadelos de senhores e funcionários coloniais, além de conseguir fustigar com insistência desconcertante o regime escravista. (REIS, 2003, p. 6).

Para Reis (2003), os quilombos eram formas de resistência e combate à escravidão, visto que rejeitavam a forma cruel de vida que os negros tinham e buscavam a liberdade e uma vida digna, resgatando, com isso, a cultura e a forma de viver. Embora procurassem lugares protegidos para edificarem os quilombos, as ameaças dos senhores de engenhos eram constantes, mas os negros mantinham redes de apoio e de interesses que envolviam escravos, negros livres e brancos, de quem recebiam informações estratégicas que facilitavam os planos de fuga.

Essa disponibilidade refletia a habilidade dos quilombolas em compor alianças sociais, que, inevitavelmente, se traduziam em transformações culturais. Isso permitiu que escravos e quilombolas fossem forçados a mudar por conta de situações a que foram submetidos, como a pressão colonial da época.

No artigo 68 da Constituição do Brasil de 1988, o termo “remanescente de quilombo” é utilizado aos descendentes dos quilombolas, porém, essa definição, hoje, não se refere apenas aos resíduos desta ocupação.

Contemporaneamente, portanto, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA – ABA, 2003, p. 1).

Não há uma estimativa exata da quantidade de grupos existentes no Brasil até fins do século XIX, mas, hoje, são identificadas mais de duas mil comunidades remanescentes de quilombos que lutam pelo direito à propriedade territorial. Houve

casos de quilombos isolados que foram encontrados por expedições que, por sua vez, desconheciam a existência desses. (REIS, 2003). As evidências do próprio Palmares e de outros quilombos que se formaram no Brasil apontam para uma relação muito mais intensa entre quilombolas e outros grupos sociais.

Arruti (2006) discorre que uma mobilização cada vez mais forte pela “busca de direitos”, com base no Artigo 68, da Constituição Federal de 1988, tem início um amplo caminho de recuperação e reposicionamento de memórias outrora já esquecidas. Arruti (2006, p. 56) ainda destaca: “[...] a aparição dos laços históricos entre as comunidades contemporâneas e grupos de escravos que, de diferentes formas e em diferentes momentos, teriam conseguido impor sua liberdade à ordem escravista”.

Os escravos fugiam para recriar uma sociedade alternativa à escravocrata, mas esse não era um movimento privativo dos quilombos, porque havia mistura de etnias com recursos culturais diversos, trazidos por diferentes grupos. Os quilombos apresentavam uma organização parecida com a das aldeias africanas, visto que havia divisão de tarefas e todos trabalhavam. (MELO, 2012). Eles viviam, principalmente, da pesca e da agricultura de subsistência. Enquanto nas senzalas, apesar da vigilância dos senhores de engenho, havia um ideal semelhante ao dos quilombos, quando eram livres para praticar os cultos religiosos.

De acordo com a história, a pressão militar foi o motivo para poucos quilombos terem sobrevivido por longo tempo. Eles eram, em sua maioria, móveis, por estarem próximos às cidades e às vilas, o que facilitava a repressão e a busca por escravos fugitivos. A pressão militar era constante. (MELO, 2012). As repressões resultaram em mortes, prisões, e na fuga dos que conseguiam escapar. No período de escravidão no Brasil (séculos XVII e XVIII), os negros que conseguiram fugir se refugiaram com outros em igual situação em locais escondidos no meio das matas.

A luta dos negros, deu-se bem antes da promulgação da Constituição Brasileira de 1988, contudo a questão dos direitos só aconteceu, durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, através de Decretos-Leis. Para os direitos de autodeclaração, reconhecimento e titulação de terras para os descendentes de escravos no Brasil, tem-se o Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003. E, ainda, foi nesse governo que houve um mapeamento para saber onde havia quilombos no país.

Muitos estudos sobre a escravidão e quilombos no Brasil mostram que mesmo em meio as dificuldades das fugas e a busca por uma nova vida, os escravos desempenhavam inúmeras atividades dentro dos quilombos, davam forma aos espaços, recriavam territórios, ampliavam sua autonomia, e acabavam por expressar uma cultura urbana específica capaz de mostrar a vontade de viverem em liberdade.

Para Santos e Souza (2013), o avanço nas pesquisas e estudos das chamadas comunidades remanescentes de quilombos adquiriram força na última década do século XX, na corrida do ativismo do movimento negro e das políticas de ações direcionadas aos afrodescendentes. Destaque especial sobre estes estudos é notado nos anos 2000 quando:

[...] a sistematização e o espraiamento, em todo o Brasil, dessas políticas e de programas sociais especificamente para esses grupos se intensificam em âmbito nacional, estadual e municipal, possibilitando debate de discussões sobre o caráter dessas comunidades, tanto nos movimentos sociais, quanto no meio acadêmico. (SANTOS; SOUZA. 2013, p. 352).

Funes (2009) argumenta que o estudo de temáticas que tratam a presença do negro na Amazônia, pesquisador é quase sempre indagado se ali houve escravidão, o que nos revela não apenas um desconhecimento da história daquela região, “[...] mas também põe em relevo esta ausência na historiografia brasileira sobre o escravismo, que tem privilegiado as áreas de plantation e de mineração, onde a mão de obra escrava africana foi hegemônica.” (FUNES, 2009, p. 147).

O entendimento de um espaço marcado pela cultura indígena, fez com que a escravidão e a cultura africana tivessem uma visibilidade bem menor, constituindo um vazio da história da região, o que mostra ao pesquisar estudos sobre as comunidades negras, quilombolas ou não, que se constituíram ao longo da história amazônica.

Segundo Cavalcante (2013), embora se tenha registro da presença negra com traços da sujeição humana e de muitos aspectos relatados de época difícil, tanto no interior quanto na capital do Estado, a escravidão no Amazonas existiu com poucos relatos sobre o assunto.

Sobre isso, relatos históricos mostram a vinda de escravos que chegaram ao Estado, fugindo das secas do Nordeste. Conforme Cavalcante (2013, p.139), “[...] Apesar desse estado de pouca informação, é possível verificar algumas

experiências compartilhadas tanto por índios quanto por africanos na Amazônia do final do século XVIII.” Contudo, não se verificou um distanciamento das dinâmicas no restante do país.

Há tempos que se considera a escravidão africana tema pouco relevante para a compreensão da história do Amazonas. Persiste de forma profunda no imaginário local a ideia de que a instituição escravista foi um aspecto periférico do passado, um tropeço talvez, no que é tratado como um longo caminho trilhado rumo ao progresso e ao desenvolvimento. Assim, alicerçou-se uma determinada memória histórica a partir da qual se preza muito mais a ausência que simplifica do que a complexidade resultante da presença da escravidão no nosso passado histórico. (CAVALCANTE, 2013, p. 140).

A migração de negros na Amazônia, especificamente, o Amazonas, coincide com o período áureo da borracha. Durante esse período, a região precisava de mão de obra tanto para a extração do látex, quanto para construções em Manaus. A população escrava negra e africana estava espalhada, trabalhando junto aos índios nas lavouras, na coleta de produtos da floresta, nas canoas do comércio, nas cidades, Sampaio (2011). Os negros vieram dos estados do Maranhão, Pernambuco e Ceará, em busca de trabalhos, e como Manaus se encontrava em pleno desenvolvimento, a maioria deles empregou-se na construção da cidade.

A despeito das evidências, uma rápida olhada na historiografia revela algo impressionante: os africanos livres, literalmente, desapareceram. Na historiografia local relativa à escravidão, não há nenhuma menção à sua presença ou suas experiências na Amazônia. Na verdade, não foram os únicos. De um modo geral, os estudos sobre a escravidão africana na Amazônia são restritos e, de algum modo, ainda pouco conhecidos. (SAMPAIO, 2011, p. 195).

De acordo com Sampaio (2011), na Amazônia, a presença do trabalho africano surtiu efeitos reais para a realidade social da região. Fortaleceu as atividades econômicas, no incremento da produção agrícola e, sobretudo, consolidou os grupos de proprietários de terra que, posteriormente, traduziriam esse poderio econômico em força política. Ressalto que é importante dizer que:

A partir de 1750 as articulações econômicas se configuram em dois setores. No primeiro, dominante, encontram-se dois subsetores: as grandes fazendas agrícolas em ascensão que utilizavam escravos negros, juridicamente livres e trabalhadores índios; das atividades em declínio de extração dos produtos da floresta realizadas com o emprego dos indígenas vindos das antigas missões, transformadas pelas políticas pombalinas em vilas e lugares. (SAMPAIO, 2011, p. 2).

Pouco se descreve acerca da presença negra no Amazonas, principalmente, em Manaus, uma vez que, historicamente, no período em que se iniciou o Quilombo da Comunidade do Barranco, havia a miscigenação, na região de indígenas, brancos e negros. De acordo com Ituassú (1981, p. 11) “[...] a escravidão negra existiu no Amazonas, quase sem ser percebida pela coletividade e, hoje, parece um deserto falar no assunto”.

De acordo com Santos (2009), em 10 de julho de 1884, o presidente Teodoro Souto declarava extinta a escravidão no Amazonas e a Província do Amazonas “foi a segunda província do Império a abolir a escravidão que só ocorreria, oficialmente para todo Brasil, em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea. Ao que tudo indica, a emancipação dos escravos foi sendo construída, de maneira progressiva: “[...] com a colaboração dos proprietários que, naquele momento, já haviam modificado a natureza de seus investimentos e não estavam mais interessados em continuar investindo seus recursos em cativos. (SANTOS, 2009, p.192)

Segundo Funes (2015), a presença de afrodescendentes com identidade quilombola no Estado do Amazonas, apontada pelo primeiro Censo Demográfico do Brasil em 1872, indicando a presença negra no município de Manaus, cujo contingente era de 377 escravos, representando 2,13% dos habitantes de Manaus. Desse, 53% eram do sexo masculino. E, na condição de “livres”, constavam 1.667 “pardos” e 559 “pretos”, totalizando 13% da população.

A história dos negros no Amazonas recorre não só a alguns municípios do estado, mas também em Manaus, especificamente, no bairro da Praça 14 de Janeiro, na avenida Japurá, zona Centro-Sul, local que se estabeleceram. O bairro retrata a história do negro na região, onde a mais de um século, famílias descendentes de escravos do Maranhão, formaram a Comunidade do Barranco de São Benedito.

Esse Quilombo urbano recebeu em 2014, da Fundação Cultural Palmares (FCP), a certidão de auto definição, que reconheceu a comunidade como o primeiro quilombo urbano da região Norte e o segundo do Brasil. Sua origem inicia com ocupação de terras por famílias de negros, no final do século XIX. A Praça 14 de Janeiro, na época, era uma área periférica ao centro de Manaus, mas, hoje, com a expansão da cidade, se transformou em bairro próximo ao centro.

A comunidade recebeu alguns nomes, como Vila dos Maranhenses, Reduto dos Maranhenses e Reduto dos Negros, mas foi no governo de Plínio Ramos Coelho (1963-1964) que começou a ser urbanizado.

A comunidade quilombola do Barranco de São Benedito é autodenominada urbana, tendo em vista a localização no Centro de Manaus. Com a certificação do FCP, os descendentes de escravos acabaram fortalecendo a cultura e a etnia, ao promover, festejos que são organizados no local.

[...] Os quilombos foram renomeados, reclassificados pela sociedade que buscava reorganizar-se em função das mudanças de ordem jurídica. Tornaram-se as vilas, os bairros, os territórios negros no campo e na cidade. A consolidação de um território próprio, enquanto objetivos desses grupos, muitas vezes se contrapunha ao processo de modernização e urbanização das cidades que expulsava negros e pobres do centro para a periferia. (ALMEIDA, 2010, p. 243).

O bairro da Praça 14 de Janeiro está localizado na zona Sul de Manaus, área que, no final do Século XIX, compreendia o bairro da Cachoeirinha, a Vila dos Ingleses e o Centro de Manaus, estes formavam um grande matagal, com dispersos moradores, vivendo em sítios, considerados dos 'barões da borracha'. "Aos poucos, levadas de imigrantes para ali se dirigiram e formaram pequenas comunidades" (SANTOS, 2016, p. 80).

Eduardo Ribeiro, governador do Amazonas, negro maranhense, que em 1880, trouxe várias famílias negras libertas para trabalharem em obras da construção civil em Manaus. Várias são as versões sobre essa presença, no bairro da Praça 14 de Janeiro, visto que não existem registros documentais dessa ancestralidade. Por isso, a maneira de resgatar a história do bairro, onde se originou a comunidade em estudo, foi recorrer às lembranças dos mais velhos.

No filme 14 de Janeiro, Terra, Samba e Santo, direção de Cristiane Garcia (2011) dona Maria Nazaré Vieira dos Santos, 86 anos (em 2016) relata as memórias da primeira moradora: "Felipe Neri Beckmann veio para Manaus com a ajuda de Eduardo Ribeiro, trazendo com ele dona Severa e os três filhos. Estes foram os primeiros moradores do Barranco, depois outras famílias vindas do Maranhão vinham pra cá".

Ao todo, são 44 famílias reconhecidas como afrodescendentes e descendentes de escravos, primeiros moradores em Manaus. Destes, hoje, vinte e cinco famílias moram na comunidade do Barranco, que segundo a certificação FCP, é considerado o segundo quilombo urbano do Brasil, como também, considerado

Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas, título recebido em 2015, através da Lei No. 4.201 de 23/07/2015, pela Assembleia Legislativa do Estado (ALEAM).

2.4 O PORTUGUÊS DO BRASIL E AS LÍNGUAS CRIOULAS

As mudanças linguísticas que vieram configurar a gramática do Português Brasileiro, continuam gerando discussões dos linguistas em torno da hipótese de origem crioula (BAXTER; LUCCHESI, 1997). Baxter e Lucchesi (1997), afirmam que a hipótese crioula se apoia às questões sócio-históricas brasileiras, tendo em vista a presença maciça de escravos africanos no território brasileiro.

Nessa linha de pensamento, o contato entre africanos e portugueses explicaria a formação do Português Brasileiro (PB). Na última década os adeptos da hipótese crioula têm adotado nova definição do processo de crioulição:

[...] Um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. (BAXTER; LUCCHESI, 1997, p. 74).

Os autores assumem que o PB é resultado da aquisição imperfeita do português como L2 pelos africanos devido à transmissão irregular das formas aprendidas para seus descendentes.

Na Amazônia, por exemplo, segundo Gomes (2005, p. 102), existem “[...] várias situações em que se percebe como os habitantes dos quilombos transitaram por diferentes línguas.” Assim, a língua usada por esses habitantes, estaria condicionada às escolhas e dos seus interlocutores locais de acordo com a situação vivida nos quilombos, vilas e cidades. Ainda de acordo com Gomes (2005, p.102), outros condicionantes da situação linguística dos africanos e descendentes no Brasil “[...] seriam o ambiente rural e urbano, o tamanho da propriedade escrava, o ofício, as formas de vínculo comunitário, assim como os condicionantes ligados ao tráfico”.

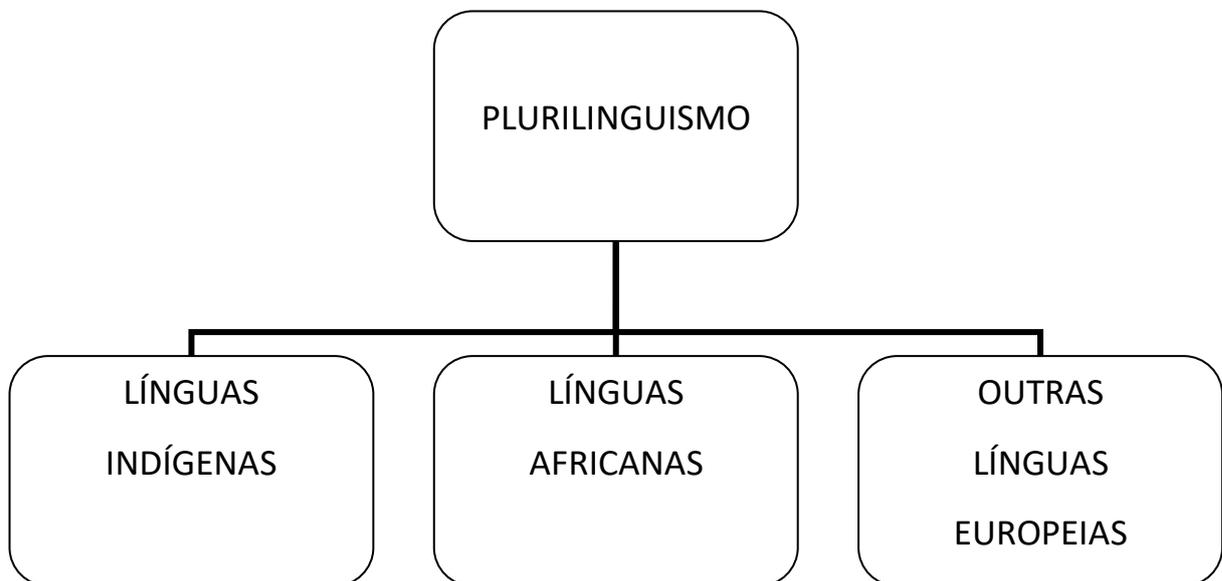
A questão de que as fronteiras linguísticas se impõem se dá, tendo em vista que as línguas constituem sistemas dinâmicos em constante variação. Como explica Calvet (2007, p. 58), “[...] as experiências do multilinguismo e contato marcam a história de diferentes povos e épocas”. A história de um povo, traz em sua memória não somente fatos de vida cotidiana, contudo, essa realidade histórica é baseada

em sua língua, sua cultura, transportando-se, para o modo de falar hoje. A questão ainda segundo Calvet (2007, p. 58) é quando

[...]a língua traz determinado *status*, por exemplo de língua de oficial, de língua do sistema jurídico e administrativo, de língua de ensino, de língua escrita, em detrimento de línguas que compõem formas de comunidade e tradição distintas. (CALVET, 2007, p. 58).

É certo que para orientar as práticas de comunicação dos africanos no país, o seu arquivo linguístico, dependeria de condições variáveis as quais eles encontrariam ao desembarcarem no país. O que ainda vale ressaltar reforçado por Lima (2012, p. 357) é que tivemos no decorrer de nossa história o recebimento de diferentes “[...] grupos étnicos e linguísticos e concentração populacional escrava, e que quase 2 milhões de africanos desembarcaram no país na segunda metade do século 19”.

QUADRO 1 – Situação linguística no Brasil pós independência



Fonte: Experiência linguística dos diferentes povos circunscritos no território brasileiro independente. (LIMA, 2012, p.357)

Análise de acordo com o quadro acima que, no momento em que o país se torna independente, verifico um cenário bem diversificado e complexo do ponto de vista linguístico, observando a experiência de diferentes povos presentes no território formado por línguas indígenas, africanas e europeias, e também pela variedade do português em detrimento aos regionalismos, o acesso diferenciado aos padrões cultos, assim como explica Lima (2012), na condição de aquisição do

português como segunda língua, o que era válida para a maioria desses povos, especialmente para aqueles que eram traficados para o Brasil, os africanos⁷.

Martins (2013, p. 17), afirma que uma das principais perguntas feitas pelos estudiosos é como a formação do PB está relacionada com a chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil, o processo de escravidão dos povos indígenas, a posterior chegada de um contingente de escravos africanos e em seguida de imigrantes europeus e asiáticos “[...] nos permite afirmar que a forma de comunicação entre eles se deu de maneira a ensejar, em algum momento, a formação de uma língua crioula?”

Posso analisar que há fatores históricos, sociais e demográficos, de um lado, e fatores linguístico-estruturais, de outro, e qualquer questionamento sobre a origem e formação do PB deve se situar no centro da discussão de sua origem interna e externa.

Por esse aspecto, o estudo de uma língua envolve consideração pelos seus contextos socioculturais. Segundo Barbosa (2013, p. 39), “[...] no aspecto lexical, é de extrema importância que os estudos linguísticos se deem, levando-se em consideração esse contexto”, explica ainda que, “[...] justamente porque o léxico, o conjunto de vocábulos de uma determinada comunidade, será a soma das experiências vividas pelos seus falantes, incluindo ainda a herança herdada de seus antepassados”. Por esse ponto de vista,

[...] podemos dizer que o léxico da língua oficial brasileira compõe-se em parte de contribuições africanas ou afrodescendentes e que o registro dos falares de comunidades afrodescendentes pode contribuir para compreensão da dimensão aproximada dessas contribuições”. (BARBOSA 2013, p. 39).

⁷ “A implantação do português não constituiu um processo linear ou contínuo. Um aspecto significativo da colonização da América portuguesa foi o uso de línguas francas baseadas nas línguas tupi-guarani, adotado por diferentes grupos, incluindo índios falantes de outras línguas, europeus e africanos (FREIRE, 2004; LEE, 2005, apud LIMA, 2012, p. 5). Apenas no século XVIII, no contexto de expansão da colonização e estreitamento dos vínculos mercantilistas, é que uma política linguística para impor o português e proibir a língua geral nos aldeamentos indígenas seria minimamente exequível. No mesmo período há um movimento intelectual de valorização da língua portuguesa em detrimento do latim que se manifesta na literatura e nas reformas educacionais. Do ponto de vista da história social, a interiorização da colonização, as trocas econômicas que articulavam não só a colônia à metrópole, mas as regiões coloniais entre si [...] a expansão das áreas urbanas, certo incremento administrativo, a contínua presença da Igreja católica devem ser igualmente levados em consideração para avaliar a expansão da língua portuguesa. Tal língua, no entanto, já vinha adquirindo cores locais, com novo vocabulário, novas pronúncias, novas sintaxes. (LIMA, 2012, p. 5-8)

De acordo com Martins (2013, p. 17), existem várias possibilidades teóricas organizadas em dois polos, que chamam de [...] “internalista” (deriva, não crioulo, etc.) e “externalista” (crioulo, influências externas, etc.)”, dentro dos debates que autores discutem sobre a origem e formação do PB.

No geral, definem o polo internalista a partir da ideia de “deriva linguística”, postulada pelo linguista americano Edward Sapir. Foi na década de 1920, que Sapir (1949, p.10) chamou a atenção ao afirmar que “[...] as mudanças linguísticas de curto e longo prazo seguem certo(s) caminho(s) por serem condicionadas estruturalmente pelas línguas”. Assim, conforme Sapir (1980), não há uma mudança que seja caótica ou aleatória na língua, ela sempre sofrerá mudanças de modo que melhor será compreendida de acordo com sua estrutura e caminho ao longo da história.

Um ponto que eu julgo essencial para posteriores discussões e pesquisas futuras, é a importância das imigrações em massa, com a conseqüente extinção, ou ainda, a fusão de línguas inteiras. Portanto, como mesmo acrescenta Labov (2009, p. 306), que a problemática é mais caracterizada por “[...] parecer ser um problema histórico e político, apropriado para uma “sociolinguística” mais ampla e interdisciplinar”⁸. A questão, posteriormente não é “[...] a importância dos fatores sociais, mas, antes, se eles estão profundamente envolvidos nos processos mais sistemáticos de mudança fonológica e gramatical.” (LABOV, 2009, p. 308).

E as questões que ainda divergem linguistas, segundo Labov (2009), seguem para que as respostas cheguem, sem provocar enormes divergências entre eles. Debate este, onde questionam se, tais mudanças são sensíveis à estratificação social e estilística da fala e à informação expressiva veiculada pela variação social, e se temos de “[...] levar fatores em conta, a fim de entender as regularidades observadas na mudança linguística.” (LABOV, 2009, p. 308).

⁸ Qualquer discussão da história do estudo da mudança linguística em seu quadro social de levar em conta o único campo em que nunca houve dúvida sobre a importância do contexto social: o estudo dos pidgins e crioulos. Desde o século XVIII, “[...] os crioulistas consideram necessário aprender o máximo possível sobre as condições sociais sob as quais tais línguas se formaram e se reformaram”. (LABOV, 2008, p. 307).

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA

O objetivo deste capítulo é apresentar a metodologia escolhida para a direção da pesquisa.

3.1 ESCOLHA DA METODOLOGIA

Este trabalho apoiou-se na pesquisa qualitativa dentro da Sociolinguística porque responde aos objetivos propostos, uma vez que buscamos, através de narrativas, verificar traços linguísticos dessa comunidade.

Conforme Vansina (1965), é importante entender e conhecer o sujeito da pesquisa, não apenas pelo fato narrado por ele, contudo entendê-la com o interesse voltado à sua experiência dentro da história da comunidade a qual pertence. Assim explicitado pelo autor:

[...]Que se um historiador deseja entender os eventos do passado relatados por uma testemunha, a primeira coisa que deve fazer é entender a testemunha, e reconhecer se a testemunha que está estudando tem um conteúdo histórico ou não, e estimar qual efeito isso provavelmente vai ter⁹. (VANSINA 1965, p. 47).

Diante disso, tenho em consideração a vida social, baseada em estudos de Labov (2008) para conhecer a comunidade, com visitas e observações dos costumes e tradições. O corpus é constituído por narrativas de experiência pessoal gravada. Além de conhecer o sujeito da pesquisa, não apenas pelo fato narrado, mas conhecer a experiência individual deles.

Segundo Preti (2003, p. 49), as variações linguísticas mostram uma “[...] instabilidade que decorre das alterações que se processam, no tempo e no espaço, nos critérios de aceitabilidade social da linguagem”. Tal fato, assim como descreve Pretti (2003), acontece nos costumes de uma sociedade.

A língua falada representa, segundo Robinson (1977, p. 68 apud PRETI, 2003, p. 49), uma das mais imediatas marcas de identidade social:

A fala de uma pessoa pode indicar seus sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de educação, nação ou região de origem. Pode haver ligação com personalidade, isto é,

⁹ Tradução da pesquisadora para: “[...] If a historian wishes to understand the events of the past related by a testimony, the first thing he must do is to understand the testimony. [...] to recognize whether the testimony he is studying has a historical content or not and estimate what effect this is likely to have.” (VANSINA 1965, p. 47)

características relativamente duradoras referidas por meio de palavras como inteligência, extroversão, neuroticidade etc. Há traços paralinguísticos e linguísticos que assinalam estados emocionais em andamento.

Assim, a fala se soma à identidade das pessoas, assim como seus traços físicos, personalidade e história de vida delas, trazendo-lhes características de acordo com o contexto social em que se envolvem, ora correspondendo à identidade real, ora não.

O interesse da sociolinguística é analisar língua de uma comunidade de fala. De acordo com Labov (2009, p.49) “[...] o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala.” Acrescentando, afirma Labov (2009, p. 50), que

[...] O vernáculo de uma comunidade de fala é a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma história, é onde a espontaneidade prevalece ou um monitoramento menor possível é observado. É de fato, no vernáculo que podemos observar que um fenômeno variável emerge.

Por suas características, esta pesquisa usou a coleta de narrativas de experiência pessoal da comunidade quilombola descrita, “[...] como também a observância dos sujeitos em seu contexto social natural – interagindo em comunidade e/ou em família.” (LABOV, 2009, p.63)

O trabalho foi realizado essencialmente com fontes orais. Ao mesmo tempo em que oferece respostas, também apresenta novas perguntas. Mas foi indispensável atentar para a importância das experiências transmitidas pela tradição, como forma de contribuição para a pesquisa acadêmica ou como também uma forma de confirmar seu percurso histórico.

A coleta para o registro da variedade linguística da comunidade quilombola pesquisada, deu-se através de narrativas de experiência de vida organizada de maneira espontânea, propondo-nos a investigar se havia na fala dos descendentes traços linguísticos dos seus antepassados.

3.2 CONTEXTOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Comunidade Quilombola do Barranco de São Benedito, da Praça 14 de Janeiro, onde foram feitas as coletas dos dados para análise. Ressalto que, as narrativas dos descendentes do grupo e documentos

históricos informam que a comunidade, assentou-se nessa localidade em 1890, ou seja, desde a vinda de sua fundadora, dona Maria Severa Nascimento Fonseca, que, em busca de melhores condições de vida, ali chegou acompanhada de seus filhos: Raimundo, Manuel e Antão.

De acordo com o depoimento do Sr. Heitor Fonseca, neto da Dona Maria Severa, em entrevista concedida no filme “14 de Janeiro – Terra, Samba e Santo”, dirigido por Cristiane Garcia (2011), a Sra. Maria Severa faleceu aos 110 anos de idade, ela era lavadeira do Governador do Amazonas, na época, Silvério Nery, sucessor de Eduardo Gonçalves Ribeiro. As narrativas dos quilombolas informam que dona Severa também trabalhava em uma banca de comidas típicas como vendedora de tacacá.

A pesquisa faz um caminho também histórico, utilizando a narrativa para explicar a formação da comunidade do Barranco de São Benedito, a partir da chegada da família Fonseca, narrada pelos descendentes moradores da comunidade quilombola.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa são moradores da Comunidade Quilombola de São Benedito e/ou do Barranco. O critério de escolha para a participação na pesquisa levou em consideração o grau de descendência com a ex-escrava, Maria Severa Nascimento Fonseca (Dona Severa) que chegou ao Estado em 1890, vinda do Maranhão, com seus três filhos: Raimundo, Manuel e Antão.

A escolha para a participação na pesquisa levou em consideração os seguintes critérios:

- 1) Ser descendente da ex-escrava, Maria Severa Nascimento Fonseca, Dona Severa, que chegou em Manaus do Maranhão como escrava liberta com 3 filhos, fazendo morada no hoje bairro Praça 14 de Janeiro, onde está situada a comunidade quilombola escolhida como contexto da pesquisa;
- 2) Ser morador da Comunidade Quilombola do Barranco de São Benedito, situada no bairro da Praça 14 de Janeiro, desde que nasceu.

Assim classificados:

QUADRO 2 – Quadro dos Informantes

DEPOENTES	SEXO	ESCOLARIDADE	IDADE	GRAU DE PARENTESCO
01	Feminino	Superior completo	40	Tataraneta
02	Masculino	Ensino Médio Incompleto	73	Bisneto
03	Feminino	Superior completo	46	Tataraneta
04	Feminino	Ensino Fundamental I	90	Neta
05	Feminino	Alfabetizada	77	Neta

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas narrativas de experiência pessoal, realizadas na comunidade quilombola de São Benedito.

Cabe, neste momento, ressaltar que no início da pesquisa, optei por seis participantes, pelo fato de uma das 3 netas de Dona Severa, ainda viva aos 97 anos, a senhora Nazaré, apresentar uma saúde muito debilitada e doente, não pude realizar a pesquisa com ela, pois não tinha condições de receber qualquer visita e, assim, considerei cinco, o número de participantes.

Destaco que foram estipulados critérios de exclusão no trabalho de campo, onde, o sujeito participante que não se adequou aos critérios de inclusão estabelecidos na pesquisa não participaram da pesquisa e, da mesma forma, foram excluídos:

1) O morador que não tivesse descendência com Dona Severa, ex-escrava liberta vinda do Maranhão.

2) O descendente que não quisesse responder ao questionário proposto e/ ou narrar suas experiências pessoais e/ou manifestando o desejo de não mais participar da pesquisa em qualquer etapa do desenvolvimento da pesquisa.

Os quilombolas da comunidade do Barranco de São Benedito em sua maioria nasceram em Manaus, a formação escolar predominante é o Ensino Médio, alguns concluíram cursos de graduação, e pós-graduação, a confissão religiosa da comunidade é majoritariamente católica. Na autodefinição prevalece a cor “preta”, ou seja, os membros do grupo em sua maioria são negros, e há pessoas autodeclaradas “pardas”, os moradores se identificam como membros da comunidade quilombola, onde grande parte dos quilombolas são empregados, trabalham por conta própria, como autônomos.

Em observância à ética na pesquisa, submeti o projeto ao CEP da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com aprovação formal no campo de pesquisa (APÊNDICE C). Os participantes foram convidados pessoalmente, para participar, em aceitando, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B). Em seguida, pude adentrar na comunidade e seus domicílios para a realização das audições das narrativas e gravações de membros em uso da fala espontânea. Os participantes foram escolhidos e selecionados em concordância aos critérios de inclusão descritos a seguir.

3.4 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

Para Labov (2001), a pesquisa sociolinguística parte da pesquisa empírica, com dados reais, produzidos por falantes reais, os quais pertencem a uma dada comunidade de fala. Assim, a amostra de dados para uma pesquisa sociolinguística deve representar um determinado grupo, de uma dada comunidade de fala.

Esta pesquisa foi realizada em duas fases. A primeira é a pesquisa documental do percurso que os negros fizeram para chegar ao estado do Amazonas e o início do quilombo no Amazonas; e a segunda, a geração de dados a partir do Questionário de Perfil, as narrativas de experiência pessoal e visita a Comunidade Quilombola do Barranco de São Benedito.

3.4.1 A primeira fase: a pesquisa documental

Segundo Silva, Damasceno e Sobral (2009), no domínio da abordagem qualitativa, diversos métodos são utilizados de maneira a se aproximar da realidade social, sendo o método da pesquisa documental aquele que busca compreendê-la de forma indireta por meio da análise dos inúmeros tipos de documentos produzidos pela humanidade.

A pesquisa documental, enquanto método de investigação da realidade social, não traz uma única concepção filosófica de pesquisa, pode ser utilizada tanto nas abordagens de natureza positivista como também naquelas de caráter compreensivo, com enfoque mais crítico.

Para Callado e Ferreira (2004), os espaços de pesquisa são orientados pela própria natureza do estudo, portanto a localização dos documentos pode ser muito

diversificada. Essa distinção exige que o pesquisador tenha conhecimento do tipo de registro e informações que abrigam as instituições visitadas e a seleção de fontes adequadas.

Ainda segundo Callado e Ferreira (2004, p.1), o fato de o pesquisador utilizar-se de vários métodos, permite-lhe explorar muitas perspectivas sobre o mesmo assunto “[...] bem como obter informação de diferente natureza e proceder, posteriormente, a comparações entre as diversas informações.”

3.4.2 A segunda fase: questionário de perfil

Estudos recentes em Sociolinguística apontam que questionários estruturados como instrumento (APÊNDICE A) para a coleta de dados, é um procedimento metodológico eficaz. De acordo com Tarallo (1999, p. 22) “[...] esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal.”

A utilização desse recurso assegura o caráter científico necessário à pesquisa Tarallo (1999) e ainda torna menos difícil a obtenção do que pretendemos estudar dos fenômenos linguísticos. O questionário, com frequência, figura também como um dos anexos das pesquisas, ele é o resultado de uma árdua tarefa de investigação não só teórica, mas também social e cultural resultado do processo de interação entre o pesquisador e a comunidade eleita para o estudo.

Neste espaço, apresento o questionário elaborado para os sujeitos da pesquisa que foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: liderança nas atividades da comunidade; conhecimentos sobre a história da comunidade, a chegada de sua fundadora, a formação das famílias, a cultura e a vida da comunidade, bem como a religiosidade e as manifestações sociais praticadas no quilombo.

3.4.3 As narrativas de experiência pessoal

O último instrumento escolhido para esta pesquisa foi a narrativa de experiência pessoal (APÊNDICE E) com a autorização do narrador para gravar, o que, de acordo com Portelli (2010, p. 20) “[...] caracteriza o trabalho de campo no

campo da história oral, no qual os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador”

Todos os registros feitos pelo homem até os dias de hoje, os acontecimentos, as experiências pessoais e em comunidade são o que desenham os traços da história humana. Segundo Oliveira (2015, p. 14) “[...] é nesse percurso que ele narra suas experiências. Conseqüentemente, usa a língua como instrumento legítimo de expressão para circular na sociedade”.

[...] Nesse processo, a linguagem humana medeia a relação do homem com o mundo. Isso se concretiza através do ato linguístico; a exemplo disso, é possível pontuar a narrativa como variante no contexto da comunicação oral ou como prática social em que os falantes marcam suas presenças a partir dos lugares de fala, construindo uma dependência do “eu” com o “outro” e vice-versa. É nessa relação que o homem constitui sua herança e a transmite de geração a geração. (OLIVEIRA, 2015, p. 33).

Nesse dinamismo, a linguagem é um sistema de signos definido culturalmente que serve para interpor a comunicação entre pessoas e grupos, e um meio cultural de comunicação e de organização do pensamento. É na linguagem que o indivíduo conta suas experiências e atribui sentido ao mundo em que vive.

Na construção de novos conhecimentos, o pesquisador precisa ir a campo a fim de observar, escrever, interpretar e recolher os dados concretos que pertencem à sua experiência pessoal. De acordo com Oliveira (2015, p. 48), “[...] o olhar e o ouvir são partes da primeira etapa, e o escrever compõe uma segunda etapa do trabalho de pesquisa”.

Assim, busquei por meio deste trabalho, em primeiro lugar, fazer do lugar social um lugar de produção de conhecimento, visto que esta etapa da pesquisa teve como fonte a memória oral dos descendentes de dona Severa, moradores do quilombo, a qual será conhecida a partir da observação das narrativas orais de cada um deles.

A transmissão de saberes feita oralmente por um povo é o que, geralmente, se conhece por Tradição Oral e que Vansina (1965, p. 5) define:

All such anonymous oral traditions share the common characteristic of being transmitted spontaneously from one person to another, and during this process the original form is lost and the content becomes fluctuating and blurred [...] Oral traditions consist of all verbal testimonies which are reported statements concerning the past¹⁰.

Usualmente, os assuntos que as comunidades orais transmitem são os de usos e costumes que podem ser expressos em forma de narrativas, contos, de lendas, de mitos, de provérbios, de orações, de legendas, de adivinhas etc. Essas transmissões são valores culturais das memórias que acolhem a visão do mundo onde os indivíduos vivem.

Nesta pesquisa, portanto, elegi as narrativas orais que foram precedidas por explanação sobre o objetivo da pesquisa e de pedidos de permissão para gravá-las. As narrativas coletadas vieram à tona quando provocadas, tendo havido contribuição no auxílio às suas formulações através de histórico da chegada da primeira negra escrava liberta no Amazonas, que visou a ajudar o narrador a exercitar a memória dos acontecimentos que não fazem parte do dia a dia da comunidade pesquisada.

O contato inicial com os moradores do quilombo que fazem parte desta pesquisa, foi realizado pessoalmente, inicialmente, no qual solicitei alguns dados como nome, idade, grau de escolaridade, grau de parentesco e a disponibilidade para participar da pesquisa. O segundo contato foi no horário e local previamente combinados: as casas dos participantes, quando se direcionou perguntas para a obtenção de dados como nome, idade, bairro. Em seguida, apresentei como seriam realizadas as gravações das narrativas. E os informantes narraram acontecimentos de vida e comunidade, espontaneamente, sendo gravada na presença do entrevistador. O tema da narrativa foi direcionado para a chegada de dona Severa à cidade, isto é, como foi sua vida e de seus filhos ao chegarem ao estado. Para transcrever, seguiram-se as normas utilizadas dos inquéritos do Projeto NURC/SP.

Assim, foram feitas algumas colocações sobre o conhecimento da história do quilombo, localização geográfica, relações parentais dos narradores com Dona Severa, sua chegada, família, bem como possíveis lutas e dificuldades passadas na chegada à capital do Amazonas já liberta da escravatura.

¹⁰ Tradução da pesquisadora para: “Toda tradição oral anônima compartilha características de ser transmitida espontaneamente de uma pessoa para outra, e durante esse processo a forma original é perdida e o conteúdo torna-se flutuante e confuso [...] Tradição oral consiste de todos testemunhos verbais os quais são relatos de sentenças a respeito do passado.”

3.5 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DOS DADOS

Tendo estabelecido os instrumentos desta pesquisa, descritos na seção 3.4, a amostra da presente investigação é constituída pelas narrativas de 05 adultos, 1 do sexo masculino e 4 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 40 e 90 anos.

As narrativas são eventos que se desenvolvem como atos, nos quais o indivíduo narra os acontecimentos por ele vivenciado. Nos estudos das narrativas orais de experiências pessoais, Labov e Waletzky (1966, p. 3) entendem que “as propriedades formais correspondem ao nível de referência dos acontecimentos, as propriedades funcionais correspondem à avaliação pessoal do narrador, seus interesses e seus motivos”.

As diferenças entre propriedades formais e funcionais foram estabelecidas por Labov e Waletzky (1972). Os estudos das propriedades formais permitem conhecer a estrutura interna da narrativa, visto que se refere à organização oracional e sequencial. Enquanto os de propriedades funcionais permitem conhecer o motivo pelo qual a narrativa é contada, isto é, evidenciando a valorização que o narrador dá aos fatos narrados e a expectativa que é criada para que o ouvinte continue a ouvi-lo.

CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para a análise dos dados gerados, utilizei os procedimentos propostos pela análise de conteúdo. Em cada pesquisa, as narrativas foram norteadas: a chegada de Dona Severa (ex-escrava) ao estado, grau de parentesco e vida da pessoa, história da comunidade, legalização da comunidade quilombola, culinária, credences, cultura, causos, religião e festas.

Com o áudio, realizei as transcrições que delas retirei trechos para esta fase da pesquisa, transcritas de acordo com o projeto NURC/USP, (Apêndice D) que permite tornar a língua falada em um objeto científico.

Essa técnica adotada para esta transcrição corrobora com Castilho (apud, SILVA, 2016, p. 35), que argumenta ser “a cada pergunta sobre os materiais orais corresponderá um tipo de transcrição. Perguntas sobre como se desenrola uma conversação requerem uma transcrição conversacional para a obtenção das respostas”. Isso quer dizer que somente, por meio da transcrição, torna-se viável a realização da análise.

A seleção de informantes teve como critérios: ser nascido e criado na comunidade; não residirem fora da localidade; 06 informantes, 05 mulheres e 01 homem, parentes diretos da fundadora do Quilombo. Deixo de apresentar a narrativa da neta de 90 anos, por ela estar com a saúde frágil e por esse motivo não receber visitas, realizei a pesquisa com os 05 informantes que respondem aos objetivos desta pesquisa, que é conhecer a história e o linguajar mais próximo da principal integrante da comunidade.

As narrativas de experiência pessoal, foram gravadas em áudio e transcritas, como já exposto acima, seguindo a Tabela NURC/USP de transcrição. Para preservar a identidade dos informantes, a fim de evitar qualquer exposição, os informantes estão relacionados com o parentesco de Dona Severa, descritos como depoentes 1, iniciais de seus nomes e sobrenomes e idades. Ressalto que a análise dos padrões coletivos de comportamento linguístico de uma dada comunidade de fala concorda no princípio teórico de que “[...] tais padrões são formalizados analiticamente através de um sistema heterogêneo de regras e unidades variáveis”. (LUCCHESI, 2009, p. 131), que são funções, tanto de fatores linguísticos, quanto de fatores sociais. Isso significa que os atos de fala que constituem os padrões de

comportamento linguístico são regidos por fatores relativos¹¹, de acordo com Lucchesi (2009, p.131):

- ao conhecimento intuitivo, que faz do indivíduo um membro da comunidade de fala (ou seja, um falante);
- a certas características sociais desse indivíduo (tais como sexo, idade, nível de escolaridade etc.);
- aos juízos de valor desse indivíduo sobre as escolhas disponíveis no repertório linguístico da comunidade;
- à dimensão ideológica do ato de interação verbal, que remete às relações de poder, estratégias de convencimento, nível de interesse na conversação etc.;
- às circunstâncias específicas nas quais se realiza o ato, relativamente ao conhecimento compartilhado entre os participantes, à intervenção eventual de participantes adventícios ao ato em questão etc.

Com base nos dados gerados, nesta pesquisa e, cotejando-os com a fundamentação teórica, realizei a análise dos dados.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Por intermédio das narrativas, com os descendentes de Dona Severa, e as conversas com lideranças comunitárias e moradores da comunidade conheci um pouco do passado dessas pessoas, como é apropriado, e cheio de significado.

Pude ter uma percepção do passado, vivida e sentida individualmente, já que lembrado de forma coletiva. Uma memória que remete aos tempos da escravidão, dos quilombos e dos conflitos sociais que marcaram as histórias dos negros e a chegada de uma ex-escrava alforriada, que constitui muitas referências para a compreensão do surgimento destas comunidades negras.

O primeiro questionamento sobre o objeto de estudo foi: há traços de linguagem dos moradores falantes de seus dos antepassados na fala dos remanescentes? Esta questão gera dúvidas sobre fatores sociais e linguísticos, do primeiro há uma lacuna na historiografia brasileira sobre o assunto; do segundo, há vários pontos a se considerar: a época em que chegou a Dona Severa, a escravidão havia cessado no Brasil; ela era escrava alforriada, nascida no Maranhão (com pais

¹¹ “Buscando integrar a maior gama de fatores que possam ser apreendidos num esquema probabilístico através das variáveis arroladas na análise de um determinado fato da língua, tal análise poderá fazer predições em termos de agregados, e não de indivíduos.” (LUCCHESI, 2009, p. 131)

africanos) que chegou ao estado em 1890, com seus três filhos, Raimundo, Manuel e Antão, trazida por um amigo muito próximo, sr. Felipe Beckman, com o enorme desejo de iniciar uma nova vida. E foi sobre esse aspecto de percurso da vinda de Dona Severa até o Amazonas, que percebi o fato de que não havia mais influências tão significativas do seu passado de escrava. Até porque entendo que língua, cultura passam de geração a geração. Muito maior tem sido a influência da atualidade do que mesmo a da avó (Maria Severa) – a 1ª. Geração que chegou.

Tendo a memória dos sujeitos como um “porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade”, (NEVES, 2000, apud, FUNES, 2009 p. 146 - 153), procurei situar, num primeiro momento, o espaço da pesquisa e as formas possíveis de abordagem, tomando a memória, os depoimentos e as lembranças como fontes orais que mostraram caminhos ao passado, e revelaram fatos e significados.

Segundo Vansina (1965, p.9), “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como meio de comunicação diária, mas também como meio de preservação da sabedoria dos seus ancestrais, caracterizada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral”. Ao se referirem aos antepassados, os remanescentes remetem suas falas, pouco para o tempo da escravidão, e muito para o do agora, da vivência dentro e fora da comunidade que eles têm do respeito aos seus antepassados e diante das incertezas e da realidade vivenciada.

Prevalece uma memória que é dinâmica, que caminha em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função de uma clara mudança nos relatos de cada sujeito sobre o passado. E assim, escolhem quais memórias desejam recordar e narrar, e como os sentidos a essas memórias são fatos que mudam com o decorrer do tempo. Segundo Vansina (1965, p.180) “[...] esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade”.

Autores como Gregory Guy, Dante Lucchesi e Alan Baxter (LUCCHESI *et al.*, 2009), defendem a teoria de que a mudança na língua parte de fora para dentro, a partir de influências externas, ao basear-se que supostamente teríamos a influência de línguas africanas na formação do Português Brasileiro.

No Brasil, a língua materna da maioria da população é o português, é de suma importância observar as divisões internas que atravessam uma aparente unidade linguística. Segundo Lima (2012, p. 3),

[...] a hierarquização e a exclusão feitas a partir do uso da língua escrita "correta" é hoje, provavelmente, um dos problemas mais cotidianos do acesso a determinados circuitos sociais e intelectuais, e o preconceito linguístico é extremamente naturalizado. Em outras palavras, as divisões que a língua reitera na sociedade estão fora do debate público. Em perspectiva histórica, tanto o processo social que constrói uma unificação linguística, sempre inacabada, como os sentimentos e representações em torno da "nossa língua" e das "outras línguas" são aspectos que enriquecem esse questionamento e levam a uma desnaturalização da ideia de que *um* país tem sempre *uma* língua.

Pude examinar o quanto a escravidão de africanos e descendentes atuou na divulgação da língua portuguesa. Uma das razões, conforme Lima (2012, p. 356), é que “[...]a escravidão foi um dos elementos básicos da economia colonial, fortalecendo assim, a presença metropolitana’. E ainda, também pelo fato de o português ser usado como língua difundida por falantes de outras línguas, principalmente nas áreas urbanas e nas regiões em que essa língua era costumeira.

No caso da depoente como poderia chegar aqui e ainda ter traços linguísticos, pois tinham o português desde a época da escravidão. Pois, as influências linguísticas atuais estão mais vivas do que o linguajar da 1ª. Geração (Dona Severa). Lembrando que segundo Pontes e Justiniano (2004) as comunidades quilombolas existentes, atualmente são intituladas de remanescentes, ou melhor, quilombo urbano, localizado dentro das grandes cidades, onde vivem os descendentes de escravos.

As narrativas são eventos que se desenvolvem como atos, nos quais o indivíduo narra os acontecimentos por ele vivenciado. Nos estudos das narrativas orais de experiências pessoais, Labov e Waletzky (1966, p. 6) entendem que “[...] as propriedades formais correspondem ao nível de referência dos acontecimentos, as propriedades funcionais correspondem à avaliação pessoal do narrador, seus interesses e seus motivos”.

É importante a história da nacionalização linguística do Brasil e especialmente sua articulação com a escravidão de africanos e descendentes. Colaborando assim para uma visão crítica sobre a relação entre língua e história social, como expõe Lima (2012, p. 2):

[...] A produção intelectual acerca da nacionalidade da língua foi muito fecunda nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, com diferentes pesquisas sobre brasileirismos, tupinismos, africanismos, bem como acalorados debates sobre os rumos diferenciados da língua na América e em Portugal, sobre os princípios que regeriam a ortografia, sobre a distância entre a língua falada e a língua literária.

O estudo que compreende este caminho histórico da língua pátria é vasto e rico, não caberia aqui nesta pesquisa, detalhar os fatos e dados¹². Vale a pena, eu me deter sobre o conceito de língua e seu uso como fator de identidade. Desta forma, historicamente, conforme explica Lima (2012, p. 360) longe de ter sido um “[...] processo espontâneo ou natural às formações sociais.”

Faço análise da narrativa da depoente 1, DFL, que ela ao expor suas experiências, organiza seu discurso em eventos em um modo temporal formado por sentenças sequenciais e livres:

DFL: Ohhh Deus:: eu nasci ai:: nessi terrenu ai:: eu naci nu anu di 1928... eu naci ai:: nessi terreno... num tem lembrança dessi tempu nãu::... agora a mamã, a mamã veiu du maranhão pra cá, o meu pai tava viúvu:: começaram a si namora:: i aí viverum... num chegarum a si casa::, ficarum juntu i tevi 3 filhu... tevi eu, a Eliza... qui tá nu maranhão... qui é a mais velha... i meu irmão... qui já si foi... a casa era ai... au ladu, ai si conhecerum i prontu...i vierum eh muito::... vixi::... tinha era MÛITU::só era maranhensi...mas moravum mais pra lá... no barranco mermu... la:: ondi tem o festeju di sãu beneditu...eu sempri vo::... essi anu eu num fui... porque tava assim NE:: ? ai eu num fui... a minha filha foi::ai perguntarum por mim... e eu num fui... num tava mi sentindu beim::...ai eu num fui... papai quasi num vivia aqui:: vivia... mais nu trabalho deli... / eh... trabalho deli... i a mamãi ficava aqui i... num sei si falarum... qui dava uma festa aqui... festejava nossa senhora da conceição... NÉ::? quandu era dia 08 di dezemburu tinha procissão... eh::... a genti tirava a novena... ne::?... i era a procissão dia 08. E a vó Severa... num disserum nãu::? vendia tacaca::... ela vendia tacaca:: tantu qui eu já::...j:: puxei pra isso... NÉ::? Eu sô aquela tacacazeira qui fica ali...nu...nu...u du meu eh:: u nossu... tacaca:: da Deca...faz tacaca::, bolu di macaxera... bolu podri...tapioca...eu comprei essi terrenu aqui... cum dinheiru da venda... a vovó era tacacá...deviam ter ditu... qui a vovó era tacacazeira... i eu puxei pra ela... eu vendu tacaca:: ai na frenti... agora... qui eu tô assim adoentada...num tem uma barraca ai::? eu tô deixando... esfria:: mais... a senhora viu aquelu relâmpagu qui deu ontem::?...eh:: Deus... eu ainda sô daquelis tempu... guarda machadu, guarda teçadu:: guarda as faca...guarda tudu... OLHA::!...eu fui criada num tempu qui us filhu respeitava pai i mãi... eu NUNCA!...respondi pra minha mãe e pru meu pai... dou graças a Deus pelu meu nomi...porque... u apelidu eh... Deca... porqui a mamã si foi i eu num PERGUNTEI!...porque naqueli tempu... filhu num perguntava : “mamãezinha... quem butou essi nomi?” si vê ne::... i...eli consenti... NÉ?

¹² A Carta de 1934 recorresse ao eufêmico "idioma pátrio" ao legislar sobre o ensino. Outros exemplos foram a tentativa de firmar, através da lei, a expressão "língua brasileira", que se deu em 1935 no Distrito Federal, e um debate parlamentar nos anos de 1930 e 1940 sobre qual seria a expressão mais apropriada: língua brasileira ou língua portuguesa (SANCHES, 1940, apud LIMA, 2012, p.3)

Estruturalmente, as narrativas apresentam uma série de eventos, ora ordenados e organizados de forma temporal ou sequencial, ora de forma desordenada e fora de tempo que corresponde à sequência de eventos ocorridos e vivenciados pela depoente em sua narrativa e toda experiência vivida na comunidade e de suas lembranças da avó, Dona Severa. As narrativas são construídas na relação e correlação com o outro, quando o indivíduo organiza o significado e o conhecimento que constrói sobre ela mesma e da comunidade a qual pertence. A ordem das sentenças obedece à ordem cronológica dos eventos ocorridos, embora muitos momentos narrados de maneira repetida.

A participante tem 90 anos de idade, mora no bairro da Praça 14 de Janeiro, em uma rua próxima ao Quilombo, zona Centro Sul de Manaus. Ela conta sobre sua chegada e enlace com o filho de D. Severa. Isso confere com o que Labov (1997, p.3) expressa: “uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais”. Esse estudo, portanto, retrata, por meio da estrutura narrativa, o relacionamento do povo que constituiu o Quilombo.

Em *Oh:: Deus:: eu nasci ai:: naci... terrenu ai:: eu naci nu anu di 1928... eu naci ai:: nacji terreno...num tem lembrança dessi tempu nãu* mostra como a narradora expõe, repetidamente, o lugar onde nasceu. Enfaticamente, por causa da repetição do verbo e o advérbio de lugar aí. A partir desse ponto, a narradora passa a relatar um emaranhado de fatos que se sucedem. Apesar de não ter escolaridade, mesmo assim a narrativa dela tem ordem. A depoente-enunciadora relata as lembranças da avó Severa que ocorreram, a chegada dela com a vinda de muitos maranhenses juntamente com a avó e após o encontro de sua mãe com o filho de Dona Severa, a vida na comunidade do Barranco, transparecendo, no percurso narrativo, um ar de saudosismo por tudo que vivenciou. Percebi o uso de orações coordenadas, o uso do aí como advérbio de lugar, o que é correto, e ora como segurador de turno. E ainda, o uso do conector “e” que serve para acrescentar informações novas, indicando progressão na narrativa.

A experiência de comunicação da cidade foi a presença da língua portuguesa, com a qual os escravos que trabalhavam no ambiente urbano, exercendo determinados ofícios, como no caso de Dona Severa, que trabalhava como lavadeira, teriam muito mais contato com a língua portuguesa do que em outros

ofícios como por exemplo, em áreas de grandes *plantations*, em que as línguas africanas poderiam ter mais trânsito.

Assim, como bem explana, Abreu (2012), que o acervo linguístico que os africanos que aqui chegaram encontrariam e que levaria as suas práticas de comunicação dependeria, portanto de condições mutáveis.

A relação entre africanos e língua portuguesa contrasta com a dimensão das interações sociais no cotidiano no mundo dos escravos. Apesar de algumas iniciativas importantes que analisam a influência de africanos no léxico da língua nacional.¹³

São também da África as palavras quitanda, quenga, senzala, calundum, caçula, bunda, mocotó, tamina, moxinga, mocambo, quilombo, matombo, mazombo, marimbondo, quinguangu, curingu, cabungo e outras muitas, incluindo várias que passaram à Europa, tais como: coco, papagaio, macaco, muringue, cacimba, tanga, quindins, jerebita, moleque e outras. (VARNHAGEN, 1975, p. 225).

No caso da Depoente 4, neta de Dona Severa, pude analisar as palavras como "caruru"¹⁴, "vatapá"¹⁵, "gergeli"¹⁶, ou "feijão"¹⁷ ou até mesmo a expressão 'lava-escalda', são exemplos dessa associação muito remota entre os africanos e o que se via como um uso da língua portuguesa e outras palavras de origens variadas, adaptada aos costumes da época.

"[...] Porque meu pai era Cearense e a minha família éramu descendentes de maranhensis:: então a comida da minha família:: o sabor é qui é um só:: então a nossa comida é o caruru:: o vatapá:: o chá:: é a comida feita com gergeli:: essas coisa toda:: e hoje nem tem muito:: que não sabem fazê:: é difícil:: era antes remédio:: o gergeli era remédio mais pra crianças recém-nacida:: então é assim.... as descendência que nós temo mesmo é da nossa

¹³ “[...]Visconde da Pedra Branca e Brás da Costa Rubim (1853), de uma forma geral escritores e representantes políticos deram mostras de um sentimento generalizado que associava os africanos a uma corrupção da língua”. (VARNHAGEN, 1975, APUD, Lima, 2012, p.10)

¹⁴ Caruru" procede do termo africano kalalu. Outra possibilidade é que seja substantivo de etimologia tupi, caá-riru, a erva de comer. (wikipedia link <https://pt.wikipedia.org/origemdapalavracaruru>)

¹⁵ O vatapá é de origem africana, e chegou ao Brasil por intermédio dos africanos iorubás com o nome de ehba-tápa. (wikipedia link <https://pt.wikipedia.org/origemdapalavratapá>)

¹⁶ Gergelim provém do árabe vulgar gilgilan, do árabe clássico gūlḡulān, significando "grão de coentro". Sésamo vem do latim sesamum e grego sēsamon, que por sua vez se derivam de antigas línguas semíticas. (wikipedia link <https://pt.wikipedia.org/origemdapalavragergelim>)

¹⁷ Feijão" teve origem no latim faseolu, com troca de sufixo. (wikipedia link <https://pt.wikipedia.org/origemdapalavrafeijão>)

comida:: é de maranhense mesmo:: arroz:: feijão:: peixe...NÉ? A nossa comida é assim:: se é peixe é bem lavado:: é bem feito... se é carni também:: o feijão também bem temperadu:: é di molho:: escalda di manhã:: lava-escalda:: fazem com couvi:: jerimum... essas coisa toda.”

A narradora-enunciadora conta que morava com os pais: Os familiare da minha mãe e du meu pai qui era Cearensi:: a família da minha mãe qui era descendenti de Maranhensi, as nossa comida do Maranhão... então o fato qui tenho é esse: a comida du maranhensi:: e porque eu fui criada assim, taum bom... NÉ? Porque meu pai era Cearense e a minha família éramu descendenti de maranhensis:: “a família da minha mãe que era descendentes de Maranhenses (desloca-se até chegar em Manaus) as nossas comidas do maranhão, então o fato que tenho é esse: a comida do maranhense e porque eu fui criada assim, tão bom, né?”. Esse trecho corresponde à orientação, momento no qual a narradora responde o quê? Onde? Quem? Nessa sentença, verifiquei o uso da locução adverbial de lugar, recurso para localizar no tempo a narrativa. Uso do conector “e” que serve para acrescentar informações novas, indicando progressão na narrativa. Além de verbos no pretérito imperfeito, pretérito perfeito e presente para trazer ao presente o modo de vida que ocorrera em um determinado intervalo de tempo passado. Há, também, a hesitação e o uso do advérbio de intensidade “...assim...tão bom, né?”. O marcador pós-posicionado “né” mostra que a narradora enunciadora quer orientar o ouvinte sobre a confirmação do discurso.

Outra especificidade são os marcadores discursivos, o tá? e o né? sempre no final das frases. Há, portanto, uma regra de disposição; a língua falada possui regularidades diferentes do português escrito. Outro ponto é que aprendi a modalidade falada primeiro e depois a língua escrita.

São as narrativas das experiências que vão interligando as comunidades negras numa mesma raiz em que suas histórias se encontram e suas memórias se unem. Ao narrar sua história, do eu, de sua vivência na comunidade a qual pertence, a depoente navega pelas reminiscências de outras comunidades, porque estas fazem parte de sua memória, de sua ancestralidade. Há, nesse sentido, uma rede de parentesco que vincula as comunidades, até mesmo de outros estados e fortalece o sentido de pertença e de territorialidade. Sendo, assim, esses os espaços sociais conhecidos e sentidos como seus. As narrativas abordam vários lugares de refúgios, nascimentos e experiências. São lugares de memórias, que dão, por isso, significado e valor à existência, desenhado pela história a qual pertencem os negros.

Descobri uma origem simples, um olhar vivo do passado, que não é apenas conhecido ou narrado, mas também vivido e sentido pessoalmente, lembrado de forma coletiva, a memória que fortalece a legitimidade do direito à terra, as tradições, e a sua própria experiência de vida. De acordo com Whitney (1901, p. 404, apud LABOV, 2009, p. 302), “a fala não é uma posse pessoal, mas social; ela pertence, não ao indivíduo, mas aos membros da sociedade.” É o que posso considerar, como o autor enfatiza que, o homem fala não somente com o propósito de pensar, contudo de divulgar seu pensamento, como forma de expressão, conforme o que podemos observar na fala do Depoente 4:

Ai o meu avô:: ele colocava o boi Rica-prenda:: e o finadu mestre Raimundo... só falava quando chamava... ninguém podia se meter em conversa... Então aqui por exemplo:: a vó Severa era...era / cozinheira de mão-cheia:: fazia tartaruga pra esse pessoal ai:: pro Eduardo Ribeiro:: o dico como chamavam:: foi Governador do Amazonas também, e pra esse pessoal tudo ai. E...as filhas foram ficando com os dons. Essa aqui minha esposa, que segurou e ficou com os quitudes que elas faziam (Dona severa) /

Entre essas linhas, encontram-se as sentenças livres, que se organizam em estratégia caracterizada por Labov (1972), de avaliação, cujos verbos apresentam-se no presente, no pretérito imperfeito, no infinitivo e no gerúndio. A articulação verbal nessa narrativa mostra a escolha que o depoente-narrador fez para indicar seu ponto de vista em relação ao fato narrado. Embora, pareça difícil explicar a diversificação da língua por entendê-la de maneira muito transparente, sem vínculo com a língua dos escravos, na época da escravatura, observei a partir do princípio, de que cada indivíduo tem sua própria língua, e de que cada uma dessas línguas tem sua própria história no tempo, onde o aparecimento de variações mostra uma comum evidência.

De acordo com Lucchesi e Baxter (2009), foi realizado um estudo¹⁸ na comunidade de Helvécia, no Extremo Sul do Estado da Bahia, contando com a colaboração do antropólogo Marcos Luciano Lopes Messeder, que já havia contribuído com a recolha nas comunidades de Rio de Contas, e com a participação da estudante de Letras da UFBA Nara Barreto. Foi possível recolher, em 1994,

¹⁸ Entre 1993 e 1995, o Projeto Vestígios de Dialectos Crioulos em Comunidades Rurais Afro-Brasileiras Isoladas funcionou no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, envolvendo a participação de estudantes de graduação em Letras com bolsa de Iniciação Científica do convênio CNPq-UFBA. Lucchesi (2009)

amostras de fala que continham características que ainda individualizam a comunidade de Helvécia tinha um significado especial, porque nela a dialetóloga Carlota Ferreira havia identificado, no início da década de 1960, o que chamou de “remanescentes de um falar crioulo”.

Os trinta anos que separaram as duas pesquisas de campo, foram suficientes para que a variedade crioula que Carlota Ferreira observou na fala de um casal de idosos da comunidade Helvécia, mesmo entre as comunidades rurais afro-brasileiras do interior do país, tais como a variação na concordância verbal junto à primeira pessoa do singular e a variação na concordância de gênero no interior do Sintagma Nominal (e.g., *eu trabalha no roça*).

E desta forma, verifiquei em contraste na narrativa do Depoente 03, na sentença: *Por isso é que eu digo que a escravatura no Amazonas....*, não há variação na concordância verbal junto à primeira pessoa do singular, e nem tão pouco a variação de gênero:

“[...] ser quilombola porque é di negro e geralmente aqui é a nata da negritude que se chama quilombola::, que veio dos quilombola do Maranhão. Já não se chamava NEM nem escravatura:: que já num existia escravatura e:: o que aconteceu!!! As autoridades alforriaram os escravos aqui tudinho:: alforriar UM não...libertarum né:: eu quero crer que quando eles chegaram aqui já tava tudo liberto. Por isso é que eu digo que a escravatura no Amazonas não tem 100 anos:: num tem 100 anos. Porque veja só:: em 1885 para 1890:: o Eduardo Ribeiro foi governador do estado, e era negru...”

No que concerne a variação recorro a Lucchesi (2009, p. 18), que criou a ideia de que, “[...] se o contato entre línguas não fora, suficientemente intenso para produzir no Brasil uma variedade crioula da língua portuguesa” que fosse significativo e efetivo, fora decisivo para iniciar “[...] processos de variação e mudança que definiram as características centrais das variedades populares do português brasileiro”, sobretudo a variação no uso das regras de concordância nominal e verbal.

Quanto à questão teórica, o que defende Lucchesi e Baxter (2009, p. 126) delineie “[...] o quadro de profunda variação na concordância nominal e verbal que se observa hoje nas variedades populares do português do Brasil”, como uma consequência do processo de transmissão linguística irregular que marca é a origem dessas variedades linguísticas.

Assim sendo, posso afirmar que os descendentes da ex-escrava Dona Severa, residentes da comunidade quilombola de São Benedito têm um comportamento positivo em relação ao seu falar, eles seguem a direção dos mais escolarizados de áreas urbanas. Ou seja, mostram atitudes iguais e valorizam a norma urbana culta da língua padrão, não adquirida de seus ancestrais. Entretanto, Martins (2012, p.41), ressalta, que os fatores sociais e linguísticos se ajustam “[...] no sentido de que o contato entre línguas tenha desempenhado um papel relevante na história da língua portuguesa no Brasil”. Conforme o ponto de vista da história, uma presença consistente de falantes de outras línguas e, sobretudo, africanos que adquiriram o português na fase adulta, em situações adversas.

Remeto-me a Labov (2009, p. 343), que sustenta que mesmo um falante rural que chega à cidade, tendo um marcador de identidade local, e fonte de prestígio em casa, já pode ter consciência do caráter não urbano de sua fala. Assim, “[...] vemos frequentemente uma rápida transformação dos traços mais salientes dos dialetos rurais à medida que os falantes se incorporam à vida urbana”, corroborando assim, os princípios que norteiam a ausência de traços linguísticos dos antecessores, na fala dos descendentes da comunidade quilombola estudada.

O que pude perceber é que as narrativas agregadas pelos membros da comunidade quilombola de São Benedito foi recordado, reconstruído através de organismos externos à comunidade, apesar de ter se tornado, efetivamente, parte primordial da história do grupo incorporando e reproduzindo as experiências de seus antecedentes.

Encerro, assim, a análise dos dados confirmando que as interpretações aqui expostas foram fundamentadas nos dados gerados e nos princípios teóricos que dirigiram este trabalho e, também, na minha experiência como docente e pesquisadora. Saliento, entretanto, que assim, como toda e qualquer pesquisa, está sujeita a discussões e outras interpretações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vigente pesquisa firmada em Labov (2009), buscou entender “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo”, in loco na comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus, realizada a partir da pesquisa de campo, com idas e vindas no decorrer de mais de dois anos, no intuito de refletir sobre as narrativas de experiência pessoal dos descendentes da primeira escrava liberta que aportou nesta cidade de Manaus, e que passou a viver com seus filhos, no bairro Praça 14 de Janeiro. Dando início assim, ao hoje conhecido quilombo de São Benedito ou popularmente chamado de quilombo do Barranco.

Esta dissertação não pensou jamais em esgotar o assunto, ou ainda, concluir o estudo sociolinguístico acerca da comunidade pesquisada, pois entendo que todo trabalho é passível a outras análises e considerações, assim como para novas leituras e releituras das narrativas investigadas, sugerindo futuros trabalhos e expressando, ainda, algumas observações originadas quando de sua elaboração.

Desta forma, trago à memória o que foi apresentado na Introdução de que esta pesquisa foi motivada, entre as razões, pela importância dos estudos sobre a cultura afro-brasileira, em refletir sobre o negro como um dos elementos constituidores de uma mão de obra relevante para o desenvolvimento desta nação e do estado do Amazonas.

Em especial, este trabalho teve como objetivo, analisar as narrativas dos residentes em um quilombo remanescente, situado na Praça 14 de Janeiro, denominado Comunidade do Barranco de São Benedito, no que se referia aos descendentes de uma ex-escrava vinda do Maranhão. Como também, analisar as narrativas de experiência pessoal dos remanescentes desta escrava, e se haveria, na fala desses descendentes e ou remanescentes, traços linguísticos dos antecessores. E ainda, alguma forma, de contribuir para que professores e pesquisadores começassem a considerar o estudo das narrativas de experiência pessoal como um caminho para novas descobertas no campo da Sociolinguística.

Halbwachs (1990, p.31) afirma que “[...] a memória nunca reproduz de forma perfeita qualquer imagem do passado, mas a reconstrói, reelabora e reproduz segundo esta reconstrução”. A memória coletiva atinge um conjunto de seres humanos que se relacionam entre si e “[...] dando vida a um passado que passa a existir no presente”. Assim, um passado que reformula o presente e um passado que

permanece na consciência e nas experiências narradas de um grupo. É um passado que se vivifica a partir da realidade do hoje.

Em consonância com Halbwachs (1990, p. 80) quando ele afirma que,

[...] a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa, desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar, por muito tempo ainda em torno de si, muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança.

De fato, a relação entre memória e história da comunidade quilombola estudada, se sobressai à medida que, por conta da memória, que se torna História, o grupo social passam a se identificar como comunidade remanescente de quilombo e se torna objeto de ações político-sociais, decorrentes desta autoidentificação. As famílias residem na localidade desde 1890, cujos descendentes da ex-escrava, Maria Severa Nascimento Fonseca, há 130 anos convivem de forma coletiva, mantendo suas tradições, memórias sociais, práticas religiosas, musicais e identidade.

Este estudo da existência de traços linguísticos dos antecessores na fala dos descendentes de Dona Severa (escrava alforriada), filha de escravos cujos avós são de origem Africana, a primeira hipótese é que houvesse traços da linguagem deles trazidas de seus antepassados, mas vi com a análise das narrativas e de vasta convivência na comunidade, que este movimento na língua, contudo, não se processou, pois Dona Severa, já era uma falante da língua portuguesa. É certo que, com a convivência em um quilombo urbano, no centro da cidade, que fora se desenhando aos poucos, ela e seus filhos que aqui chegaram, assimilariam o português brasileiro, o português padrão e não-padrão da cidade onde passaram a habitar. Posso assim, concordar com Labov (2009, p.302) que se [...] desenvolveu toda uma preocupação com o contexto social em que as mudanças ocorrem, [...] a ampla gama de fatos sobre os falantes e seu comportamento extralinguístico”.

Observei também que, na medida em que tal variação pode indicar um processo de mudança em curso, a análise desse processo não pode se restringir aos fatores estruturais internos, e sim externos, pois são estes os fatores de variação mais perceptível para uma comunidade, relativos à estrutura social. Assim, endosso minhas observações em Lucchesi (2009, p. 40), “[...] as mudanças que afetaram a língua portuguesa no Brasil já estavam prefiguradas na sua estrutura, e o contato com [...] africanos só teria acelerado essas tendências seculares.”

E tomando o objeto de estudo desta dissertação, reforço minhas indagações de que as comunidades negras que persistiram com o mesmo linguajar, foram aquelas que se refugiaram em verdadeiros quilombos, aqueles em áreas rurais, esses sim, ainda tiveram mais tempo para que a língua não evoluísse e tomasse sua evolução de maneira gradual. Através do que é dito ou escrito, cada pessoa se relaciona com o mundo a sua volta e assegura sua diferença no tempo e na história de seu povo. A língua então se define enquanto junção entre o indivíduo e a comunidade. E se na sociolinguística, a sociedade altera a linguagem, essa influência na língua que foi passada aos quilombolas descendentes, foi vista por estarem em um centro urbano, passando por intervenções culturais, políticas e sociais. Essas evidências são incentivos e serão suporte para a interpretação dos resultados de futuras investigações históricas, onde Labov (2009, p. 317), postula que, “[...] as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operam no passado, há cinco ou dez mil anos”.

As reflexões decorrentes deste trabalho e as considerações aqui descritas, me deram a certeza de que é importante e urgente o aprofundamento da pesquisa educacional para que sempre se esteja pronta para discordar com base em outras evidências e a excelência seja sempre almejada. Entendo, também, que as concepções, análises e interpretações aqui expostas foram e são visões pautadas na minha experiência na comunidade quilombola de São Benedito, e o contato direto com os descendentes de Dona Severa nas mais diversas situações do dia a dia de cada um deles, no decorrer destes últimos anos, onde sobretudo suas narrativas de experiência pessoal, sua língua e história devem permanecer como fonte de estudo e pesquisa para o estado e país.

Destaco, por fim, que as experiências vividas e as leituras deste mestrado, assim como, a pesquisa nele produzida, contribuíram sobremaneira para a minha prática pedagógica. Busquei em Meillet (1921, apud LABOV, 2009, p. 304) inspiração para finalizar este estudo, reiterando, ainda, que:

[...] pelo fato de ser a língua uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua são apenas as consequências.

Finalmente, as narrativas da comunidade quilombola do Barranco de São Benedito em Manaus, reconhecida oficialmente pelo Estado brasileiro, cujos descendentes estão amparados nos conhecimentos tradicionais, que, ressignificados, os identificam como comunidade ao ressaltar a identidade cultural e histórica, a partir de todas as suas manifestações artísticas e religiosas, estão presentes no estudo da sociolinguística, e que de fato não posso entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem observar a vida social da comunidade em que ela ocorreu, mesmo com todas as pressões sociais que operam de modo contínuo, não com uma visão somente do passado, porém uma força de um povo vivo num presente vivo.

REFERÊNCIAS

14 de janeiro, Terra, Samba e Santo. Direção: Cristiane Garcia. Produtora; Olha Já Filmes, 2011. DVD (90 min).

ABREU, Marcos. **Ladinos e boçais: o regime de línguas do contrabando de africanos (1831-c.1850)**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social. Unicamp, Campinas/SP, 2012.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, castanhais do povo, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

AMAZONAS (Estado). **Lei nº 4.201 de 23 de julho de 2015**. Disponível em: <https://www.escavador.com/diarios/496857/DOEAM/executivo/2015-07-23?page=2>. Data de acesso: 27 jun. 2019.

ARRUTI, José Maurício. **MOCAMBO - história e antropologia do processo de formação quilombola**. Bauru/São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (ABA). **Nota técnica da aba e seu comitê quilombos pela constitucionalidade do decreto 4.887/2003 a adi 32329/2003 e as ameaças ao direito quilombola diante da aplicação do ‘marco temporal**. [S. l.: s.n.], 2003.

BARBOSA, Márcio F. **Experiência e Narrativa**. Salvador: EDUFBA, 2003.

BARBOSA, Quézia Maria Reis de Oliveira. **Um Perfil lexical do Português falado em comunidades quilombolas em Barrerinha (AM): Um estudo dialetológico v. III**. Dissertação (Mestrado) - UFAM, Manaus/AM, 2013.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. *In: Análise Estrutural da Narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos Lingüísticos e Literários**. n.19, p. 65-83, 1997.

BRASIL. (1988). Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: promulgada em 5 de outubro de 1988. **Coletânea de Legislação Ambiental e Constituição Federal**. Organização: Odete Medauar. 7. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRUNER, Jeromer. The Narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, The University of Chicago, v. 18, n. 1, 1991.

CALADO, S. dos S; Ferreira, S.C. dos R. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados.** Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

CALVET, L. **Sociolingüística: uma introdução crítica.** Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola. 2002.

CALVET, L. **As políticas linguísticas.** São Paulo: Parábola. 2007.

CAVALCANTE, Ygor. **Uma viva e permanente ameaça: resistência, rebeldia e fugas de escravos no Amazonas Provincial (c.1850- c.1882),** 2013. Dissertação (MESTRADO)– UFAM, Manaus/AM, 2013.

COELHO, Lehmkuhl Izete *et al.* **Sociolingüística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição Oral e Produção de Narrativas.** São Paulo: Paulistana, 2008.

FUNES, Eurípedes A. Mocambos: natureza, cultura e memória. **História Unisinos,** v. 13, n.2, maio/agosto, p. 146-153, 2009.

FUNES, Eurípedes A. **Negro na Amazônia recuperando sua história.** Disponível em: https://www.academia.edu/28371509/Nos_Confins_do_Imp%C3%A9rio_Separata.pdf f 2015. Acesso em: 21 jun. 2019.

GOMES, Flávio dos S. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil.** São Paulo: UNESP/Pólis, 2005.

GRADESSO, Marilene. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica.** 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 11 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

ITUASSÚ, Oyama Cesar. **Escravidão no Amazonas.** Manaus. Editora Metro-Cúbico, 1991.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis. *In:* HELM, J. (ed.). **Essays on the verbal and visual arts.** Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. **The social stratification of English in New York City.** Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. The Transformation of Experience. *In: Narrative Syntax. In: LABOV, W. (org.). Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Alguns passos iniciais na análise da narrativa.** The Journal of Narrative and Life History. Trad. de Waldemar Ferreira Netto. v. 7. 1997.

LABOV, William. **Principles of linguistic change – social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, Ivana. S. Escravos bem falantes e nacionalização linguística no Brasil – uma perspectiva histórica. **SCIELO.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 25, jul. – dez. 2012.

LUCCHESI, Dante. **História de contato entre línguas no Brasil.** *In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. Português Afro Brasileiro.* Salvador: EDUFBA, 2009.

NEVES, L. de A. **Memória, História e Sujeito: substrato da identidade.** História Oral. [S.l.: s.n.], 2000.

MARTINS, Janete Martins. **Aspectos Epistemológicos das Teorias Sobre a Formação do Português Brasileiro.** 2013. Mestrado (Dissertação) - Florianópolis/SC. 2013.

MELLO, Marcelo Moura. **Reminiscência dos quilombos – Territórios da memória em uma comunidade negra rural.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista.** *In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). Narrativa, Identidade e Clínica.* Rio de Janeiro: [s.n.], 2001.

MOURA, Denilda. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. *In: MOURA, Denilda (org) Leitura e escrita: a competência comunicativa.* Maceió: EDUFAL, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Inês Freire de. **Narrativas de indivíduos residentes na cidade de Manaus, a partir de nova reorganização do saber acumulado.** Tese (Doutorado)- São Paulo: USP, 2015.

PAGOTTO, E. G. **Sociolinguística. Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, História e Conhecimento.** Campinas: Pontes, 2006.

PONTES, Aldrin; JUSTINIANO, Jeibson. **Descendentes de escravos negros em busca ao reconhecimento oficial de terra em Manaus.** Manaus: UEA, 2004.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral.** São Paulo: Editora Letra e Voz, 2010.

PRETI, Dino (org.) **Léxico na Língua oral e escrita**. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **História geral da Amazônia**. Rio de Janeiro: MemVavMem, 2009.

SANTOS, Gildásio Alves; SOUZA, Avanete Pereira. Memória, identidade e linguagem: A comunidade do Quenta Sol (Tremendal-Ba). **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista v. 5, n. 1 p. 351-377, jan./jun. 2013.

SAMPAIO, Patrícia M. (org.). **O fim do silêncio – presença negra na Amazônia**. Belém: Açai / CNPq, 2011.

Sapir, Edward. **Language: an introduction to the study of speech**. San Diego: HJB Books, 1949.

Sapir, Edward. **A Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SILVA, Wagner C. **A nasalidade no dialeto quilombola do norte de Minas: uma análise contrastiva baseada em corpus**. Dissertação (Mestrado). Uberlândia/MG. 2016.

SILVA, José P. Variação e mudança na sociolinguística e na gramática do Português. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 21., 2017. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. Textos Completos.

SILVA, L. R. C.; DAMACENO, A. D.; MARTINS, M. C. R.; SOBRAL, K. M.; FARIAS, I. M. S. Pesquisa documental: alternativa investigativa na atuação docente. *In*: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 9., ENCONTRO BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3.**, 2009. Paraná: PUCPR. 2009.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul, 2015**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PRETI, Dino (Org.). **Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP – Núcleo USP) Análise dos Textos Orais**. 6 ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

VANSINA, Jan. Oral Tradition: **A study in historical methodology**. Chicago: Aldine Pub., 1965.

VARNHAGEN, Francisco **A. História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal.** 8 ed. Integral. São Paulo: Melhoramentos, 1854-1857, 1975.

WHITE, H. The value of narrativity in the representation of reality. *In*: MITCHEL, W.J.T. (ed). **On Narrative.** Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

WHITNEY, W.D. **Language and Study of Language.** New York: Scribner's, 1901.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PERFIL*

Caro(a) participante,

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas e gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo sobre a Comunidade Quilombola do Barranco e seus descendentes. Para que eu possa traçar um perfil dos participantes, pediria que você respondesse às perguntas abaixo. Asseguro que, caso sejam divulgadas as informações deste questionário, sua identidade será mantida em sigilo. Agradeço, desde já, a sua colaboração,

Carla Guerreiro

1) Nome: _____

2) Data: _____

3) Idade: _____

4) Telefone: () _____

5) Endereço: _____

6) Grau de Parentesco com Dona Severa:

7) Além de você, existe outra pessoa viva na família com grau de parentesco com Dona Severa?

() Sim () Não

7.1) Caso afirmativo, assinale o tipo de parentesco:

() avó / avô

() pai / mãe

() outro: _____

9) Na comunidade, exerce algum papel de liderança ou algo semelhante?

() Sim () Não

10) Informações adicionais que julgue importante:

* Instrumento elaborado por Carla Guerreiro.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: NARRATIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PRAÇA 14 DE JANEIRO** sob a responsabilidade da pesquisadora **CARLA DE MELO GUERREIRO**, portadora do RG 1157679-0 e do CPF 476.367.502-87, telefone celular (92) 98276-2048, e-mails cmgmel@icloud.com e carla.demelo.guerreiro@gmail.com, orientada pela Profa. Dra. **LUCIA INÊS FREIRE DE OLIVEIRA**, portadora da CI 3610237-89 SSP/AM e do CPF 493.282.982-53, telefone celular (92) 9991-4633, e-mail lucia.oliveira20@uninorte.com.br, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras (FLet) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), situada a Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6200 – Campus Universitário, Bloco Mário Ypiranga Monteiro, Setor Norte – Coroadó, CEP 69077-000 – Manaus/AM - Telefones (92) 3305-1181, Ramal 2113, e (92) 99271-8701, e-mails: flet@ufam.edu.br; secretaria.ppglufam@gmail.com; ppgl@ufam.edu.br.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as narrativas dos residentes em um quilombo remanescente, situado na Praça 14 de Janeiro, em Manaus – Amazonas, denominado Comunidade do Barranco de São Benedito. Neste trabalho, investigar o caminho que os negros fizeram para chegar à cidade de Manaus e se há, na fala dos descendentes, traços linguísticos dos antecessores. Os residentes, dessa comunidade, são certificados como quilombolas remanescentes de uma escrava liberta vinda do Maranhão, portanto, é a história de descendentes e ou remanescentes: netos, bisnetos e tataranetos que sua antecessora.

Sua participação é voluntária e se dará por meio do preenchimento de um questionário de perfil e pela coleta de narrativas de experiência pessoal gravadas em áudio. Os resultados da pesquisa serão armazenados em arquivos digitais codificados e não identificados. Somente a pesquisadora terá acesso a esses dados. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem se configurar em constrangimento e aborrecimento ao responder o questionário, e/ou narrar suas experiências na comunidade, além do risco de quebra de sigilo. Entretanto, caso necessário, será oferecido acompanhamento psicológico ou de uma assistência social, sem ônus para o(a) Sr.(a), além do direito a indenizações e cobertura material por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa.

Se você aceitar participar, não terá nenhum benefício direto. Contudo, por meio deste estudo espera-se colaborar para o fortalecimento da comunidade quilombola estabelecida no bairro da Praça 14 e da continuação da memória das comunidades

de fala como estratégia de desenvolvimento do pensamento humano e da formação de sua identidade. Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

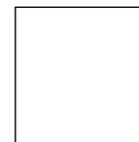
Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco e o risco decorrente da participação dos sujeitos nesta pesquisa é o da divulgação da sua identidade. Para evitar tal risco, a pesquisadora garante total sigilo e resguarda os participantes de quaisquer constrangimentos quanto à exposição de imagem ou informação pessoal. É garantido também que as informações coletadas e registradas no decorrer da pesquisa serão utilizadas unicamente para atingir os resultados desta, os quais serão analisados e publicados, mas sua identidade ou qualquer informação relacionada à sua privacidade não será divulgada, em que se tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo.

Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Carla de Melo Guerreiro e com a Prof^a. Dra. Lucia Inês Freire de Oliveira, pelos telefones e e-mails fornecidos, ou, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 4950, Adrianópolis, CEP 69057-070, Manaus-AM, telefone fixo (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171-2496 e e-mail cep@ufam.edu.br

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ____/____/____
Assinatura do participante

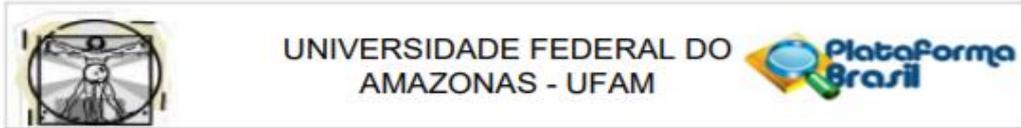


Impressão dactiloscópica

_____ Assinatura da pesquisadora responsável

_____ Assinatura da orientadora

APÊNDICE C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: NARRATIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PRAÇA 14 DE JANEIRO EM MANAUS.

Pesquisador: CARLA DE MELO GUERREIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 25426119.1.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.706.752

Apresentação do Projeto:

Resumo:

: Os estudos sobre a cultura afro-brasileira foram estabelecidos pela Lei 10.639/2003 que incluiu o tema no currículo oficial das escolas brasileiras, por isso todo e qualquer estudo referente ao assunto é de suma importância para a educação brasileira, visto que o negro é um dos elementos constituidores e uma mão de obra relevante para o desenvolvimento desta nação. Na Amazônia, a presença do negro é menos significativa, se

comparada às outras regiões brasileiras. Diante disso, este trabalho estabelecido na Sociolinguística, tem como objetivo analisar as narrativas dos residentes em um quilombo remanescente, situado na Praça 14 de Janeiro, em Manaus – Amazonas, denominado Comunidade do Barranco de São Benedito. Este trabalho tem como objetivo geral analisar as narrativas de experiência pessoal dos remanescentes de uma ex-escrava vinda do Maranhão e se há, na fala dos descendentes e os remanescentes, traços linguísticos dos antecessores. Como objetivo específico o de investigar o caminho que os negros fizeram para chegar à cidade de Manaus. A metodologia adotada é a de entrevistas, com coletas de narrativas, gravadas em áudio, além de um questionário de perfil, obtendo os dados necessários à pesquisa. Assim como, os documentos históricos a cerca, dos residentes,

dessa comunidade, os quais são certificados como quilombolas remanescentes de uma ex-escrava vinda do Maranhão, portanto, é a história de descendentes e ou remanescentes: netos, bisnetos e

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.706.752

tataranetos. O aporte teórico se apoia em autores que discutem o caminho dos negros ao Amazonas, como também as narrativas orais como elementos de continuação da memória das comunidades de fala. A pesquisa é qualitativa. O

contexto de pesquisa é a Comunidade Quilombola do Barranco situada no bairro da Praça 14 de Janeiro, em Manaus - Amazonas e os participantes, 06 descendentes e ou remanescentes de uma ex escrava vinda do Maranhão. Como instrumentos, serão utilizados Questionário de Perfil e Narrativas de experiência pessoal.

Hipótese:

O presente projeto de pesquisa investiga como os falantes da comunidade quilombola da Praça 14 de Janeiro, situada em Manaus/Amazonas, compartilham traços linguísticos. O interesse pela investigação dá-se em saber se há traços de linguagem dos antepassados e se os elementos linguísticos que estes remanescentes utilizam, afirmam ou negam a identidade reconstruída.

Metodologia Proposta:

A pesquisa será realizada na Comunidade Quilombola do Barranco de São Benedito, onde se encontram as famílias de descendentes da escrava liberta. Os participantes serão os descendentes da ex escrava, Dona Severa, 03 bisnetos, 03 tataranetos, todos residentes na comunidade quilombola desde o nascimento, localizada no bairro da praça 14 de Janeiro. Corpus - narrativas de experiência pessoal. Gravações em áudio e um questionário

de perfil a ser preenchido pelo sujeito da pesquisa. Técnica - contato direto com os participantes da comunidade para conhecer o percurso da tradição e as transformações sociais sofridas. (Ex. conversas, eventos da comunidade, percurso histórico da comunidade).

Critério de Inclusão:

A escolha para a participação na pesquisa levará em consideração os seguintes critérios: 1) Ser descendente da ex escrava, Dona Severa, sendo bisneto ou tataraneto que ainda se encontram vivos. 2) Ser morador da comunidade quilombola.

Critério de Exclusão:

O descendente da ex escrava da comunidade quilombola do Barranco que não se adequar aos critérios de inclusão estabelecidos pela pesquisadora não participará da pesquisa e, da mesma forma, será excluído: 1) Ser descendente da Dona Severa que não conheça as narrativas de experiência pessoal da mesma.

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.708.752

- 2) Ser morador da comunidade quilombola atualmente, porém ter vivido fora dela por mais de 10 anos.
- 3) O descendente que não quiser responder aos questionário de perfil e gravar em áudio suas histórias propostos ou expressar o desejo de não mais participar da pesquisa em qualquer etapa do desenvolvimento desta.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as variações linguísticas nas narrativas dos residentes do Quilombo remanescente.

Objetivo Secundário:

Investigar o percurso histórico dos negros em Manaus. Investigar os traços linguísticos dos residentes e dos antepassados na Comunidade

Quilombola da Praça 14 de Janeiro; Examinar a organização das narrativas dos quilombolas na perspectiva discursiva

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos decorrentes desta participação na pesquisa podem se configurar em constrangimento e aborrecimento ao responder o questionário, e/ou narrar suas experiências na comunidade, além do risco de quebra de sigilo. Entretanto, caso necessário, será oferecido acompanhamento psicológico ou de uma assistência social, sem ônus para o participante da pesquisa, além do direito a indenizações e cobertura material por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa.

Benefícios:

Caso o participante aceite participar, não terá nenhum benefício direto. Contudo, por meio deste estudo espera-se colaborar para o fortalecimento da comunidade quilombola estabelecida no bairro da Praça 14 e da continuação da memória das comunidades de fala como estratégia de desenvolvimento do pensamento humano e da formação de sua identidade. Se depois de consentir em sua participação o participante desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O participante desta pesquisa não terá nenhuma despesa e

Endereço: Rua Teresina, 495

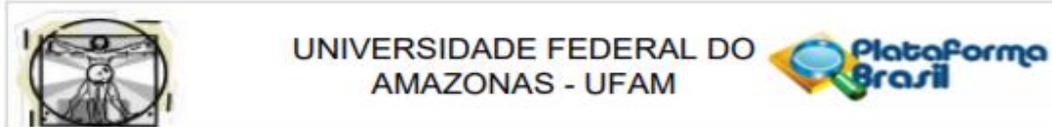
Bairro: Adrianópolis

UF: AM **Município:** MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.706.752

também não receberá nenhuma remuneração. Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco e o risco decorrente da participação dos sujeitos nesta pesquisa é o da divulgação da sua identidade. Para evitar tal risco, a pesquisadora garante total sigilo e resguarda os participantes de quaisquer constrangimentos quanto à exposição de imagem ou informação pessoal.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

1 VERSÃO

Mestrado em letras

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: Adequada
 TERMO DE ANUÊNCIA: Adequado
 RISCOS: Adequado
 BENEFÍCIOS: Adequado
 TCLE: Adequado
 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Adequado
 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Adequado
 INSTRUMENTOS DA PESQUISA: Adequado
 CRONOGRAMA: Adequado
 ORÇAMENTO: Adequado
 CV LATTES: Adequado

Recomendações:

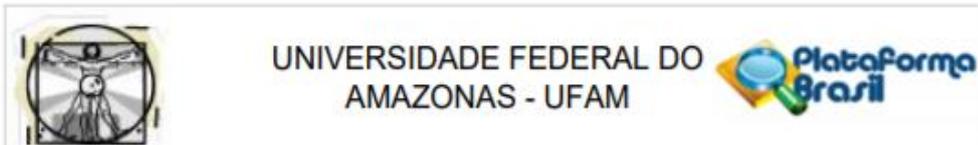
O pesquisador somente poderá iniciar a coleta de dados (pesquisa de campo), após análise e aprovação pelo CEP

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja APROVADO, pois o pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012.

É o parecer

Endereço: Rua Teresina, 495
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-1181 E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.706.752

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1468486.pdf	08/11/2019 18:11:26		Aceito
Outros	Curriculolattes_orientador.pdf	08/11/2019 18:05:12	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Outros	Riscosbeneficios_CarlaGuerreiro.docx	08/11/2019 18:04:29	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Outros	InstrumentoColetaCarla_Guerreiro.docx	08/11/2019 18:04:13	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Outros	TermodeAnuencia_Carlaguereiro.pdf	08/11/2019 18:02:43	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3665363.pdf	08/11/2019 18:00:13	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CARLAGUERREIRO.docx	08/11/2019 17:59:15	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetedepesquisa.docx	08/11/2019 17:58:53	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Orçamento	Orcamento_Carla_Guerreiro.docx	08/11/2019 17:58:26	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Cronograma	Cronograma_Carla_Guerreiro.docx	08/11/2019 17:57:46	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Brochura Pesquisa	ProjetoBrochuraInvestigador.docx	08/11/2019 17:57:16	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_CarlaGuerreiro.pdf	08/11/2019 17:55:59	CARLA DE MELO GUERREIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

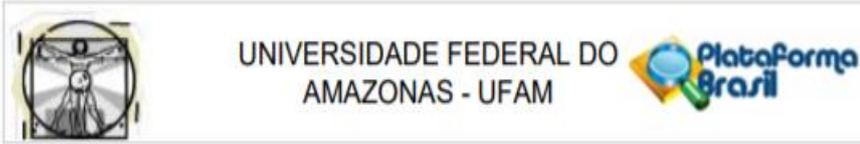
UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.706.752

MANAUS, 14 de Novembro de 2019

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

APÊNDICE D – QUADRO DE TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	<i>mão-de-obra aqui não tinha mão-de-obra, então veio carpintero,() pedrero, veio marcineiro,</i>
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	<i>(Maninha) eu sei...</i>
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	<i>mais nu trabalhu deli... / eh... trabalhu deli</i>
Entonação enfática	Maiúscula	<i>nos considerAVA apenas como uma comunidade negra e tal que tinha associação</i>
Prolongamento de vogal e consoante (com s,r)	::podendo aumentar para ::: ou mais	<i>da Deca...faz tacaca::, bolu di macaxera... bolu podri...tapioca...eu comprei essi terreno</i>
Silabação	-	
Interrogação	?	<i>viu aquela relâmpagu qui deu ontem?</i>
Qualquer pausa	...	<i>é mais ou menos...já traficava os negros... dona Maroca... dona Severa... ou antes de 1890... é a imagem de São Benedito.</i>
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	<i>((respirou fundo))</i>

Fonte: Tabela NURC/SP. Exemplos retirados das narrativas pessoais dos descendentes da Comunidade de São Benedito.

senhora num quer se casa” porque ainda num tinha casado e porque nõs mulhe num pudemo viver assim...amigado...num é do agrado de Deus, NÉ? È POR ISSO, que eu peço muita sabedoria de Deus. “ E os seu marido? Num que se casa com a senhora?” ai eu disse “ moço, isso ai é só cum ele.” Ai ele tinha que trabalhar que era pintô...ai quando ele chegô pra almoçar eu disse “ Demóstenes!” e essas duas criaturas... eu num conhecia... a única pessoa que eu to contanto pra ela ((falando com Deus))... ai disse pra ele: “ apareceram duas pessoa aqui...vieram mandadas por Deus, NÉ?” Ai disseram a senhora num quer se casar... ai disse “ só cum ele”. “Quando ele chegar a senhora fala cum ele e pergunta.” Ai quando chegô 11 horas ele veio e... ai ele chegô... e tudo, se arrumô, tumô banho...ai parô pra almoçar e tudo... eu tava amigada cum ele e num é do agrado de Deus. Casamento num é brincadeira...ai ele olhou pra mim e disse: “ EU QUERO!!” AI EU CONTEI PRA ELE!! (Maninha) eu sei... foi de Deus...essas duas criarura. Ai quando foi no outro dia, elas vieram... e disseram:” Que tal? Teu marido?” eu disse: “ Ele que casa”... é MANA!! Esse nosso Deus é tremendo... ai nõs se arrumamo...eu tenho minhas roupa boa, NÉ?((respirou fundo)) AI SE ARRUMAMO!! E fumu... ai casemo ai na igreja... casei... e...casei no cartório. Ai quando foi depois... nõs casamo no cartório, e morava aqui mermo...ainda me lembro do douto que caso... Mario Verçosa... foi ele que foi. Tive 3 filho.. todos são legais comigo... a outra tá lá... mamãe o que a senhora quer comer.. e também a gente faz comida pra vender. Porque de manhã, é... a minha neta é economista, Cristiane, ai ela vai ai na frente, fica vendendo café da manhã... vai até chega o dia das mães e eu vo faze mais venda. E eu também lavei muito ropa pra fora... lá pra Joaquim nabuco. Eu butava tacacá bem num canto...ali de quem vem do Fuji...ai eu colocava o meu tacacá e o pessoal que vinha, perguntava se eu num conhecia alguém que lavasse ropa pra fora e eu disse: “ Taqui eu”...

A vovó era mãe do finado tio Manoel que acompanhava a procissão de São Benedito... esse ano.. ai fiquei tão FELIZ!! Até o padre acompanhou a procissão...eu nem fui, num pude ir assim... duente...

Depoente 2 – JSS, 40 anos.

Parentesco: Tataraneta.

Pesquisador: Da vivência da comunidade e o que faz vocês se sentirem quilombolas...

Jamyli: È isso... o que fez a gente hoje ser certificado em 2014, ser certificado, foi a ajuda DA... ah! Meu pai...

Pesquisador: -- do palmares!

Jamyli: Não:: do Ministério Público Federal:: federal:: Dr. Júlio trouxe:: foi uma comitiva de 16 funcionários:: de 16 servidores... pra dentro da comunidade:: vieram conhecê a comunidade, e:: vc conhecer o Dr. Júlio:: ele é assim... parece um garotu uma pessoa super-simples. Hoje ele tá no RJ, né:: passou dois anos aqui a frenti, :: né, fez assim vários avanço, né e:: ele... no MPF tinha um::

programa que criado por ele, na gestão dele ::que ele tratava dessa pasta de comunidades tradicionais:: então ele tinha o projeto chamado MPF em Movimento. Onde o MPF ia nessas comunidades:: NÉ:: ele foi premiado. E aí:: é... quando ele soube que tinha uma comunidade negra no centro de Manaus, próximo ao Ministério Público:: Né?ai... quis conhecer e aí ele marcou conosco, né:: informando que vinha tantos servidores, e aí a gente NÉ... na comunidade a gente aprontou tudo. E aí... foi muito engraçado:: a noite choveu muito no início da noite, e aí a gente já tinha feito uma programação:: onde na época tinha o batucada:: Associação Batucada aqui e a:: a gente já tinha programado que o professor de capoeira ia trazer as crianças da capoeira pra uma apresentação só que nesse dia choveu tanto que o pátio ficou muito liso... e ia conversar com eles pra fazer em uma das salas do batucada e aí acabô... que deu tudo assim... errado. E ele ficou preocupado assim né o Dr. Júlio:: e aí !! o que vocês vão fazê!!! Aí a gente na hora:: na época a Vitória Régia tava com ensaio:: e aí a gente levou eles lá pro ensaio, uma turma veio pra cá, pra frente da casa onde fica de São Benedito / arrumou uma mesa com as cadeiras ao redor:: a gente levou eles lá na vitória regia régia:: pra você vê:: na época a Vitória Régia... o tema da Vitória Régia era o 140 anos da libertação dos escravos no Amazonas, entendeu? aí... o pessoal da Vitória Régia falou um pouco né:: um pouco da história da escola:: um pouco do, do... da:: questão negra no Amazonas e do bairro, e aí do lado de fora tinha alguns moradores no casu a minha mãe a barraca do Betu e aí falamos um pouco da culinária e tal... daí viemos à pé até aqui. E aí a minha prima Keila:: com uma outra com uma outra... amiga, na época fizeram um:: recitaram uma poesia:: né... sobre negros e tal e eu falei sobre a festa de São Benedito pra eles:: e no final e:: ele amou assim:: começou de um jeito e foi pra outro ((risos)).

Pesquisador: Nem sempre aquilo que a gente espera:: é o melhor:: não é!!!

Jamily: É:: o melhor:: foi... (risos)

Pesquisador: Verdade::

Jamily: E aí:: ele se encantou:: se encantou:: ele ficou assim:: e aí já convidou a gente:: isso foi em Outubro de 2013:: e aí em Novembru ele convidou a gente:: pra... participar da semana da consciência negra:: que ele ia fazer e tal... ia convidar vários ativistas pra falar um pouco e, várias comunidades e tal... e aí ele já mostra na mesa dizendo que ele já ia dar entrada na Fundação Palmares... porque a gente tinha tudo pra se tornar / até então a gente tinha recebido no início de 2013 a visita dum:: dum... funcionário do MDA né:: o MDA na época tinha... a Fundação palmares era ligada ao MDA:: né:: Ministério do Desenvolvimento:: Agrário. E aí:: teve no Studio 5:: tava tendu:: teve um:: um...algo sobre comunidades tradicionais:: trouxeram várias pessoas, e ele veio e acabaram trazendo ele pra cá:: porque toda segunda-feira a gente fazia nossa reunião do AMONAM:: da nossa associação. Daí ele veio falou pouco:: olha vcs são negros e tal... e quilombolas e falou e tal... a gente ficou com:: mas não demos tanta importância. Quando o Dr Júlio veio aí falou e tal, aí ele apresentou a carta que ele ia dar entrada aí a gente procurou né... saber um pouquinho mais:: o que que era quilombo, o que era quilombola:: o porquê da certificação:: quais são os direitos... os deveres::

Pesquisador: Até então vocês não tinham essa noção toda não!!!!

Jamily: Não... não tínhamos:: é... a genti...nos considerAVA apenas como uma comunidade negra e tal que tinha associação:: né... e... toda segunda-feira fazia reuniões e:: tal... para debatê alguma coisa.

Pesquisador: Vocês queriam resgatar:: trazer a memória todo passado de vcs e continuar resgatando isso.

Jamily: Isso...e aí. :: depois do que o Dr. Júlio, né, deu entrada:: lá:: junto à Fundação Palmares...foi RÁPIDO o retorno deles:: no final de Dezembro:: já informaram que primeiro semestre de 2014 já vinha um técnico visitar a comunidadi e:: ele veio na época do carnaval mesmu.

Pesquisador: Então, foi o caminho certo mesmo:: porque só quem faz isso:: é o Ministério Público !!!

Jamily: Não!!! Tem... ou a gente:: é... entra em contato com a Fundação Palmares, entendeu!!! Se auto... tem que se auto-declarar:: NÉ / e por intermédio duma associação ou uma assembléia dos moradores:: mas o Ministério Público tava tão encantado que...

Pesquisador: ... Olha! Eu imaginava assim: que vocês já se intitulavam quilombolas:: já tinham a razão disso na cabeça e buscaram isso com o Ministério Público:: mas... que veio até vocês!!!

Jamily: E daí:: a partir daí...DEPOIS da certificação então... pra certos:: pra:: é certo ponto, já éramos conhecidos:: como a raiz do bairro e tal... mas pra muita gente invisível... entendeu!!! Quando eu estudei na UFAM:: não sei se eu já te contei:: eu estudei Ciências Sociais. É... O professor Sérgio Ivan ficou maluco quando eu falei que eu era da Praça 14 e tal:: ele disse eu não acredito que encontrei uma pessoa de lá de dentro...do / da comunidade. E aí... pronto!! Nos abraçamos:: e aí fizemos aquele artigo sobre a Festa São Benedito:: que foi o PIBIC que eu fiz.

Pesquisador: Que legal!!

Jamily: E aí:: e daí da época da UFAM de 2004, eu digo que foi São benedito que me colocou lá dentro... porque eu jamais ia imaginar que hoje eu ia tá:: hoje eu ia tá à frente da festa de São Benedito. Sempre participei como criança:: pra mim era como se o pessoal do:: os netos da Tia Lurdinha:: como tem a neta dela mais velha que tem a minha idade:: eu pensei que era um deles que ia assumir. Mas:: é como a sempre diz: São Benedito é quem aponta:: São Benedito quem escolhe...entendeu!! e eu fui para UFAM:: e o mais incrível é que no anu que eu entrei na UFAM:: foi o único ano que eu não fiz cursinho:: já tava saturada de fazer cursinho... e aí eu escolhi as Ciências Sociais / porque eu queria ficar no horário que eu trabalhava, porque eu trabalhava na Varig, queria ficar nu horário qui eu trabalhava qui era de 16 a meia-noite:: o curso era matutino, era perfeito. Aí eu passei:: só que lá dentro:: foi que eu fui me descobrir praticamente:: entendeu!!! Estudar... a / identidade:: estudar a raiz da minha família:: né... a raiz das tradições da minha família. Então::

Pesquisador: Qui é bem forte pra ti:: né... teu bisavô:: não é tão distante o parentesco.

Jamily: E a tia Lurdinha tinha falecido um ano antes e tia Cimar tava adoentada:: e tal... e eu comecei a participar né:: a acompanhar desde o início:: a ver como era feito as reuniões:: e aí tal... fui caminhando junto com elas. Em 2009:: quando ela já bem doente:: que ela pediu pra... pra eu continuar porque era o último ano dela.

Pesquisador: Você acreditav Jamily:: que quando a dona severa chegou:: e se ajustou aqui com os filhos:: ela de alguma forma procurava resgatar o que viveu no passado....

Jamily: Tudo que ela...o que eles...né a vó Severa e os filhos:: tudo o qui eles puderam trazer da parti cultural:: de culinária, eles trouxeram pra cá.

Pesquisador: Eles não quiriam esquecer:: né!!!!

Jamily: ::não quiriam esquecer...

Pesquisador: Na verdade:: começou com ela e os filhos foram casando com Amazonenses::

Jamily: Com Amazonenses mas sempre é... entre as família...entendeu...sempre entre as família:: na própria família tem primos que são casados:: entendeu! Tem primos que são casados, então... foi assim. Essa parte aqui:: é da família do / meu pai e o outro lado é família da minha mãe:: do vô Raimundo e a família da...do meu pai também era Maranhenses... também eram amigos.

Pesquisador: Vieram mais gente depois deles!!

Jamily: Vieram!!! Aqui...o nosso terreno aqui... foi registrado em 1898 e o de lá em 1896.entendeu... 1896...é.

Pesquisador: É... não teria hoje como vocês estarem vivendo a comunidade se isso não tivesse vindo lá de trás... e que vocês despertaram mesmo:: foi quando veio a certificação.

Jamily: Foi... por mais que a gente viesse mantendo principalmente a Festa de São benedito... que é o... que é o nosso... que eu chamo que é o nosso carro chefe:: que é... a nossa devoção maior:: É::mas a gente sempre vê uma culinária:: principalmente...entendeu!! mantendo sempre certas tradições que o pessoal tinham:: entendeu!!

Pesquisador: É! Inclusive quando conversei com a Dona Guguta (2016):: ela falou muito sobre as comidas... sobre os temperos que se usavam muito naquela época (da escravidão):: como o gergelim....

Jamily: A minha vó, mãe do meu pai, ela trabalhou em casa de Portugueses...ela foi ama de leite:: é... a irmã dela era lavadeira... a vó Severa lavou até pro ex governador:: Álvaro Maia...entendeu:: Não parou de trabalhar:: né... ela morreu com 110 anos. A tia Nazaré que lembra ano...

Pesquisador: E de todos os trabalhos que já passaram por aqui... e hoje qual é a tua perspectiva para a comunidade:: a visibilidade no estado.

Jamily: Mas:: a gente queria muito:: lógico a capela do santo e um espaço onde a gente pudesse...que a gente tem tantas lembranças:: tanta recordação::é...imagens que a gente gostaria

de fazer quadru:: fazer exposições:: ter um museu...a gente tem tantos livros:: até da Fundação Palmares a gente ganhou alguns livros:: que a gente gostaria de fazer uma biblioteca. A gente tá pleiteando a casa ali do santo:: NÉ... pra fazer a capela:: né:: justamente fazer isso...

Pesquisador: E qual é a diferença: como você entende isso:: eu sou remanescente ou eu sou descendente de quilombola...como você entende isso!!

Jamily: É não tem não:: são palavras:: é... praticamente vão dar o mesmo sentido:: entendeu!!!. É mais fácil você falar que é remanescente quilombola do que:: descendente quilombola:: porque:: minha filha é minha descendente:: eu sou descendente da / entendeu.

Pesquisador: Até porque quilombolas eram aqueles que viviam nos quilombos:: na verdade a certificação comunidade quilombola...

Jamily: é algo... simbólico.

Pesquisador: é algo simbólico:: é isso:: vocês entendem assim!!!!

Jamily: Sim... é isso... sim, sim... ninguém vive em quilombo:: não... o que hoje é... seria UM quilombola:: o que seria quilombo hoje...?? são comunidades que mantêm suas tradições:: entendeu:: não deixaram morrer através do tempo...aquilo...o que sempre cultivaram, ENTENDEU!!! Tem lá sua identidade. A minha irmã:: mora lá no Rio de Janeiro mas, ela não esquece as raízes dela... e lá tem até a urbana:: Sacopã:: na zona sul:: e tem a 1ª comunidade urbana que é LÁ... no Rio Grande do Sul:: a família Silva e a segunda aqui. Porque tem muitas comunidades urbanas e tal... qui estão em processo... E tem também aqueles problema urbanos:: e porque tá na... cidade qui aí tem AQUI um prédio:: tem outro prédio:: e aí::tem aquela disputa:: aquela briga:: por isso que ainda teve a certificação:: qui é o qui acontece com Sacopã:: a nossa foi tão rápida:: surpreendente.

Pesquisador: Vocês já tiveram resistência de alguém da comunidade em relação a essa denominação de comunidade ou não:: todo mundo é muito unido!!

Jamily: Depois que... depois que as pessoa... lógico que no início teve resistência, porque tipo ASSIM: pensaram:: vão falar por mim e tal...depois com a visibilidade da comunidade:: as pessoas vindo...festa de 20 de novembro e não sei o que lá...aquele negócio:: vindo entrevista e vários...visitas:: é começaram já a ficar mais... é... achar bom e a dizer... eu moro lá no quilombo:: as pessoas já sabem. Até no::no... no Uber já tem!!! Ahhhh, quando já falam: vou lá pra Japurá com Visconde:: lá no quilombo, perto do pagode do quilombo!!! ((risos))

Pesquisador: Já é conhecido.....

Jamily: É... já é conhecido...

Pesquisador: E na verdade esses atos...que não são só atos individuais...mas que são coletivos, é que fazem a memória de vcs, trazem identidade!!!!

Jamily: Antes a Vitória Régia era o símbolo da raiz Praça 14... e hoje quando fala em quilombo:: já falam que quilombo que eu saiba só tem na Praça 14... E TAL E TAL...((risos)).

NARRATIVA EM 2016 – Jamily Sousa

“A gente tem:: é... em menti:: como os antigos sempre falavam que ela veio por volta de 1890:: NÉ:: e na época tinha um político influente aqui:: qui era o Eduardo Gonçalves Ribeiro:: NÉ que era governador:: e ele sabendu dessas pessoas qui vinham du Maranhão:: descendentes:: ex-escravos... ele resolveu ajudar, então o que que ele fez:: ele comprou lotes de terras aqui... que aqui na praça 14 não eram lotes:: qui aqui eram sítios:: eram di pessoas influentes:: então o qui ele fez:: e essas pessoas eram praticamente partidárias:: NÉ... e ai ele comprou esses lotes e cada família que iam chegando aqui:: ele ia alojando aqui. Se iniciou com a vinda di dona Maria Severa e seus três filhos: Manoel:: Antônio e Raimundo:: e depois de outros amigos:: foram tudo se alojando aqui:: tanto que aqui ficou conhecido como vila dos maranhenses. Ela chegou de navio:: de Maranhão:: Belém:: Manaus e o relatu qui a genti tem:: antes di ela morrê:: qui ela morreu com 110 anos:: ela sempre dizia qui ela tinha um senhor:: um senhor dela:: qui era conhecido como Dr. Tarquinhu lá no Maranhão:: e ai:: quandu ela ganhô a alforria dela:: ele perguntou dela pra ondi ela quiria vir e ela disse qui quiria vir pro Amazonas:: por que? Porque muitas pessoas já tinham vindu pro Amazonas:: principalmentí por causa do seringal:: e ela disse qui quiria vir com os três filhos:: pro Amazonas e ai... e ela veio NÉ com um amigo:: um amigo:: um conhecido deles:: qui ela não era instruída:: era analfabeta... e ele era instruído:: ele era descendente de português:: qui era o Filipe Nery Beckmann. E ele morreu aqui e ele era instruído:: NÉ?... qui ele resolvia tudo:: e os filhos ajudavam:: e ele (Filipe) era amigo do Eduardo Ribeiro:: e ele morreu aqui e nunca ninguém da família veio aqui... ele é enterrado no jazigo da família. Ela chegou aqui muito nova:: ela morreu na década de 20:: de 20 mais ou menos:: ela tinha 110 anos. A tia Nazaré que é uma das mais antigas:: tem uma memória fotográfica:: ela se lembra da data di quem morreu:: di tudu. Ela morava aqui:: ela deixou os filhos aqui e agora mora no São José. Ela tem 82 anos:: tem a cabeça bem branquinha... tem uma memória incrível. E eu sou a quinta geração da dona Severa. O meu bisavô:: era o caçula dela:: e a minha vó que era a vovó Josefa:: ela era minha tataravó.”

Depoente 3 – MPVS, 73 anos.

Parentesco: Bisneto.

Pesquisador: Então, eles vieram de Belém, e de Belém vieram para Manaus, como a Jamily me explicou.

Manoel: mais ou menos que eu sei é isso:: e minha avó veiu de Pernambuco. Dona Severa era minha vó:: chamava de vó.

Pesquisador: Apenas para o senhor narrar... o que o senhor lembra aqui da comunidade, da vinda da dona Severa, os filhos... como ela veio, o que o senhor conseguir lembrar...

Manoel: a vó Severa, todos nós tratavamo ela... eu não me lembro porque eu era muito garotinho::... é qui eu sô di 46 (1946)... e eles chegarum aqui em 1800: e tal... que chegarum e dizem qui ela era alforriada dizem:: é...veiu alforriada do Maranhão pra cá:: e aqui foi o 1º local onde foi feito a....como é

qui se dá o nome...a Lei Auréa / né...funcionar primeiro aqui no Amazonas, pra depois expandi pra todos:: primeiru aqui no Amazonas pra depois...essa é a história:: Ela era escrava e veiu alforriada pra cá:: quando o governado:: o / era o Eduardo Ribero:: então ele...ele chegô aqui em 1800 e 90,96...Aí ele mandô busca muita genti do Maranhão pra cá e:: nossos antepassado vieram nesses aí... meu pai e minha mãe tudo Amazonensi, tudo daqui e os meu avô do Maranhão:: e ele veiu nessa leva pra Manaus...

Pesquisador: Na verdade o que temos na história são relatos....

Manoel: olha:: a genti chamava de chácara aqui / era uma:: uma residência, que tinha ali no cantu onde hoje é:: qui era o bancu do Brasil, era uma casa de madeira varandada que a genti chamava de chácara, / é a única coisa qui eu me lembrou:: a minha memória de, de...50 e 5 pra cá quase 10 anos:: 9 anos pra 10 anos:: é o qui eu mi lembrou é isso:: NÉ!! Eu nunca mi lembrou qui tenha assim... chácara:: porque aqui era um matu só só matu. Essa mata foi os maranhensi qui COMEÇARUM tudu aqui:: Aqui não tinha mão-de-obra aqui não tinha mão-de-obra, então veiu carpintero,() pedrero, veiu marcineiro, veiu:: veiu tudo.

Pesquisador: E o sr. o que o senhor fazia...

Manoel: trabalha depois di:: quase 20 anos, NÉ!!... e aqui sempre foi assim, essas duas casas aí qui erão iguais:: e aqui na esquina...era igual aquela ali:: só modificaram a fachada. Aqui na esquina eram duas casa também:: uma taberna di esquina e outra casa tudo igual:: tudo igual:: igual qui os Maranhense qui fizeram. É eles construíram as casa. Isso aqui só foi aberto isso aqui:: só foi rasgado isso aqui...no governo do Plínio Coelho em 54 pra 55 (1954-1955). Foi rasgado aqui a Praça 14 todinha. Nós só tínhamo o que:: a Jonatas Pedrosa que cortava ao contrário....cortava por dentro da quadra hoje e terminava ali na esquina e aí...começava a Emílio Moreira, e já tinha o bairro da Aparecida, aí veio depois Cachoeirinha...Educandu e...São Raimundo:: o restu tudo era matu, tudo era matu. Naci e me criei aqui, não digo aqui:: porque naci na Santa Casa, mas que me criei aqui... Na década de 60, foi que comecei a trabalhar, foi com 18 ano:: foi meu primeiro trabalho foi assim:: fazendu besteirinha:: biscati, né!!! Ai fui começar a trabalhar com um amigo nosso, já falecido:: é com pintura di residência:: era porque era o meio mais fácil de trabalha:: naqueli tempo nem si pensava assim:: é...como hoje pra você pega um empregu tem que tê um estudo né...!!! aqueli tempu quase não tinha essa coisa:: né!! Eu deixei meus estudo na década de 60, parei de estudar e fui trabalha...ai a gente naquelas altura o pai da genti se a genti tive trabalhando não tá nem ai:: minha mãe e minha tia que era meu pai... minha mãe que trabalhava:: era empregada doméstica e minha tia lavava roupa... e a maioria das pessoa aqui era tudo profissional autônomo::era pedrero, carpintero, é:: meu vô Raimundo (filho de Dona Severa) ele trabalhô como pedreiro:: não sei se no Teatro (Amazonas) mas era pedrero de acabamento espetacula:: E os outros que vieram com ele eram carpintero, macineiro:: e eles trabalhavam tudo isso:: reservatório do Mocó. Tudo era:: é mão-di-obra negra... até o governadô era neguinho também:: NÉ??? ((risos))

Pesquisador: Governador Eduardo Ribeiro...

Manoel: Hoje em dia a casa dele é um museu:: por trás do Tribunal:: que agora é museu também, Teatro Amazonas:: do outro lado é o Tribunal:: na Eduardo Ribeiro (avenida):: naquela rua como é mesmu o nome.... Joaquim Sarmentu... Isso aqui que eu me lembrou porque quando eu andava com minha vó lá pelo centru, é:: aqui que morou Eduardo Ribeiro.

Pesquisador: Ele era negro, né...

Manoel: O: aqui morava o Raimundo, e nessa outra ai que morava o:: outro irmão dele...qui era o mestre Manuel:: carpintero naval. E ele era pedrero. Eles foram os primeiros que chegaram e o outro irmão que era o Antônio (filhos de Dona Severa): e era carpintero naval também. Tantu que hoje nem se compara com os pedreros di hoje:: eu era garotinho quando construírum a Alfandêga::

Pesquisador: E em relação a comunidade, as tradições, a culinária, das festas e tudo mais.... fale um pouco senhor Manoel.

Manoel: Aqui era plano:: aqui era gramado:: por incrível que pareça...era gramadu aqui. Ai Nessa área ai era o curral do caprichoso / Desdi quandu meu tataravô:: a genti chamava ele di avô:: ele quandu chegô aqui:: e colocaram o boi caprichoso:: dizem até qui o boi caprichoso tem 100 anos, tem 100 anos!! Mas:: não em Parintins:: tem 100 anos em Manaus. Você entendeu!!! Ai o meu avô:: ele colocava o boi Rica-prenda:: e o finadu mestre Raimundo... só falava quando chamava... ninguém podia se meter em conversa... Então aqui por exemplo:: a vó Severa era...era / cozinheira de mão-cheia:: fazia tartaruga pra esse pessoal ai:: pro Eduardo Ribeiro:: o dico como chamavam:: foi Governador do Amazonas também, e pra esse pessoal tudo ai. E...as filhas foram ficando com os dons. Essa aqui minha esposa, que segurou e ficou com os quitudes que elas faziam (Dona severa) / hoje ela sabe fazê tudo, minha esposa e...o que mais. E aqui quando apareceu a escola de samba aqui, ainda num era nacidu, num era nacidu:: foi ai na base de 45,44,43 (1943-1945) por ai:: ai eu já fui ter entendimentu com a escola, depois de 9:: 10 anos né! E tinha muitos blocos:: tinha manauara:: tinha pastorinha...o batuqui da mãe Efigênia:: isso já da minha infância pra cá:: né.. que mais qui a gente pode lembrar:: (pausa) a religiosidade aqui era católica:: num existia:: outra depois apareceu aqui por detrás ai desse prédio:: era testemunha de Jeová e:: ali quase na esquina tinha uma casinha de madeira que era:: a igreja adventista e / São Benedito sempre funcionô aqui:: era na residência... e veio com ela:: (com a dona severa) com filho dela::

Pesquisador: A devoção veio com ela...

Manoel: É porque:: dizem qui foi uma promessa que ela fez:: qui o animal:: não sei se foi o macaco, mordeu o filho... e ai inflamou o negócio NÉ!!!: ai ela se pego com São Benedito:: ai é tanto que parece...ela sonhÔ ele curando o filho...ai ela começou a cultuar, ai foi o tempo qui ela veio pra Manaus e ela trouxe a imagem que ela tinha mandado fazer, a imagem...naquele tempu...pau-de-angola, era um negócio né...só quem tinha mesmo lá, acho que aqui em Manaus eu nunca ouvi falar em pau-de-angola, ouvi falar de pau-de-angola que era uma senhora que usava aquelas pulseiras bonita de pau-de-angola, adorno assim...é que eu vi ouvir falar de pau-de-angola, nunca tinha ouvido não. Depois de muitos ano foi que a finada a tia Lurdinha foi que cultuava São Benedito ai ela nos mostrou:: porque até então eu não sabia quando nós tinha aqui o Jaqueirão e eu fui dirigente ai do

Jaqueirão:: e ai nós se demo muito com o governador:: José Lindoso:: acho que o Lindoso assumiu foi na década de 80:: NÉ!!!

Pesquisador: Como o senhor vê a questão da certificação quilombola...

Manoel: Olha:: eu quero crer qui as autoridade:: acharam:: porque eles vem lutando a muito tempo pra ver se:: por meio de uma associação ou de qualquer coisa parecida e eles vem batalhando a muito tempo com essas autoridade por isso:: Ministério Público Federal... e ai o Ministério Público Federal se interessou:: e daí naceu isso:: né!! Tá com uns 3 ou 4 anos. Agora a Jamily já recebeu a legalização mesmo dos quilombo:: bom... mas:: o quilombo em si:: aqui em Manaus:: muitos é...não aceitam:: ser quilombola porque é di negro e geralmente aqui é a nata da negritude que se chama quilombola::, que veio dos quilombola do Maranhão. Já não se chamava NEM nem escravatura:: que já num existia escravatura e:: o que aconteceu!!! As autoridades alforriaram os escravos aqui tudinho:: alforriar UM não...libertarum né:: eu quero crer que quando eles chegaram aqui já tava tudo liberto. Por isso é que eu digo que a escravatura no Amazonas não tem 100 anos:: num tem 100 anos. Porque veja só:: em 1885 para 1890:: o Eduardo Ribeiro foi governador do estado, e era negro.../

Pesquisador: oi!!! Mariana, TUDO BEM MARIANA.... (neta do senhor Manoel)

Manoel: É como eu digo aqui:: poucos aqui. Tem a área nossa aqui são 200 metros quadrados:: a :: como é lá... o Palmares foi regido por eles lá:: então eles considerum 200 metros quadrados a área quilombola mas:: ninguém aqui aceita. Porque é o seguinte:: então:: eles é... o Ministério Público Federal trouxe aqui o INCRA:: troxe tudo aqui né:: pra legaliza tudo aqui direitinho mas:: muitos não aceitou:: porque por exemplo eu:: to aqui não poderia me indispô com isso aqui pra ficá quilombo...é e tombar tudu isso, todas as casa aqui que tiver construída agente não poderia mais nem vender e nem se desfazer...ninguém: não sei como é que tá isso:: Então é isso:: a luta mais é isso:: a resistência é essa... o que não nos resta menor dúvida que eles todos vierum da parti do quilombo:: né lá em maranhão tem vários quilombos né:: tem isolados e tem:: na periferia né!! De lá:: / que veio nossos antepassados:: por exemplo em Itacoatiara tem o Paraná...do flecha...uma coisa assim:: era só parenti tanto dum lado do rio como do outro:: só parenti e eles se consideravam quilombolas e eles se consideram quilombolas lá...[pausa]

A vovó Altina era uma maranhense que viveu aqui e morreu com 104 anos.. e a resistência é essa, que eu acho qui eles não querem se considerar quilombolo, que se passare a ser quilombolas vão perder o que eles tem mas:: eu acho que não seja assim não:: porque as autoridade não ia chegar e tira aqui como é nu nosso casa:: né:: nosso caso nós queremos reconhecimento... /

Pesquisador: Muito obrigada senhor Manoel, ajudou muito....

Manoel: / e se eu não me esqueço quem ajudava os filhos deles:: era a finada Nize:: se eu não me enganou:: era uma maranhensi, ela era professora e ela ajudava a garotada a se instrui nas casas:: ai depois veiu as escola técnica ai a maioria do pessoal aqui foi tudo pra escola técnica, foi uma virtude, só quem não chego.

Depoente 4 – TG, 77 anos.**Parentesco: Neta.**

Os familiare da minha mãe e du meu pai qui era Cearensi:: a família da minha mãe qui era descendenti de Maranhensi, as nossa comida do Maranhão... entãum o fato qui tenhu é esse: a comida du maranhensi:: porque eu fui criada assim taum bom... NÉ? Porque meu pai era Cearense e a minha família éramu descendenti de maranhensi:: entãum a comida da minha família:: o sabor é qui é um só:: entãum a nossa comida é o caruru:: o vatapá:: o chá:: é a comida feita com gergeli:: essas coisa toda:: e hoje nem tem muito:: que não sabem fazê:: é difícil:: era antes remédio:: o gergeli era remédio mais pra crianças recém-nacida:: então é assim... as descendência que nós temo mesmo é da nossa comida:: é de maranhense mesmo:: arroz:: feijão:: peixe...NÉ? A nossa comida é assim:: se é peixe é bem lavado:: é bem feito... se é carni também:: o feijão também bem temperadu:: é di molho:: escalda di manhã:: lava-escalda:: fazem com couvi:: jerimum... essas coisa toda. Essa é a nossa comida... o peixe é bem lavado com limão:: de vinadalha no sal e no limão pra poder fazê:: essa é a descendência do maranhense:: é a cozinha. A nossa descendência é a mesma que tenhu:: sou tataraneta da nossa Severa. A culinária é essa:: vinda dos maranhensi. A minha família é assim :: mantevi a tradição do vatapá:: caruru:: maionese... tudu bem temperadu:: e nu tempo que tinha na vila municipal:: a gente tinha barraca lá:: era essa nossa vida:: com 77 anos:: vou fazer 78 e eu ajudava muito:: a minha mãe que nunca foi ligada nissu:: a mamãe queria saber era di dançá... e eu não cozinho mais:: tenhu minha filha e ela não deixa... vou na praça a noite:: tenho uma filha que tem uma banca na frenti da vitória régia:: como um vatapá:: arroz:: um pirarucu de casaca:: depois... venhu pra casa.

Depoente 5 – KMSF, 46 anos.**Parentesco: Tataraneta.**

Pesquisador: Keila, fala um pouco do teu papel na comunidade::

Keila: Sou tataraneta de dona Severa:: de um dos filho dela:: o vó Raimundo. Todas as festas da comunidade são organizadas pelas crioulas, a nossa associação:: os cronograma das atividade que contam as histórias tudinho:: da comunidade. Nós propomos reunião, palestras:: No momento, sabe como é né:: estamos na briga:: com o pagamento da contadora, porque nossa associação é toda certinha:: precisamos tê o dinheiro mensal para pagar a contadora. agora:: estamos de recesso. Mas:: temos reunião para decidir tudo. As crioulas tem CNPJ e :: podemos assim trabalhar:: Sabe:: não é o que somos:: não somos nós:: é a história que fala por nós:: Fomo certificados em 2015:: pela Fundação Palmares:: e daí:: a gente pensou:: como é que faremos? :: Trazer visibilidade para a comunidade? :: vamos trazer valores para a comunidade:: daí falei com a Jamily...demos várias denominações...eram oito mulheres:: da família:: tudo da família... temos ata de 2018 com tudo pago::autorização de funcionamento da comunidade das crioulas do barranco:: nós começamos com

as bonecas:: fazendo as abayomis:: bonecas de artesanato:: chaveiros de orixás:: a Suzi começou a fazer o design das crioula:: a customização das camisas e todo mês tem uma atividade pra arrecadá pra comunidade:: as pessoas associam muito aos orixás à macumba... já tivemos muitos problemas de preconceito:: quando fomos convidados para uma feira de artesanato no centro de convenções da Arena da Amazônia:: lá onde é o estádio:: mas as pessoas:: passavam e olhavam e achavam que era coisa:: produtos de macumba:: candomblé e não arte feita por nós:: daí fizemos uma reunião para saber que nunca mais saímos pra nenhuma parte mesmo:: só na comunidade:: Estamos montando nossa sala de leitura:: somos 22:: somos organizadas e estamos trabalhando pra isso. Dona severa veio com ela, a culinária, como costume de escrava:: ela lavava roupa. Já vivemos a 8ª geração:: minha filha tem 18 anos... é história de geração a geração:: traz no pulso:: história::tradição:: que passa de pai pra filho...esse ano a festa do mastro faz 130 anos:: junto com a festa de São Benedito:: essa data é simbólica:: é mais ou menos...já traficava os negros... dona Maroca... dona Severa:: ou antes de 1890... é a imagem de São Benedito.